This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

600087609-

165.

FLORA

DOS

LUSIADAS

PELO

CONDE DE FICALHO

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1880

FLORA

DOS

LUSIADAS

FLORA

DOS

LUSIADAS

PELO

CONDE DE FICALHO

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

BIBLIOTHECA · BODLEIANA

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1880

73

FLORA

DOS

LUSIADAS

PELO

CONDE DE FICALHO

SOCIO EFFECTIVO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

BIBLIOTHECA · BODLEIANA

LISBOA

POR ORDEM E NA TYPOGRAPHIA

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS

1880

73

INTRODUCÇÃO

No edificio vaſto e complexo dos *Luſiadas* entram os mais variados materiaes. Luiz de Camões, ſobre ſer um grande poeta, foi um eſpirito de funda e fina cultura. O que ſe ſabia em ſeu tempo, nas lettras e nas ſciencias, ſoube-o elle. E na contextura do monumento, que levantou á gloria da patria, fez entrar não ſó as inſpirações da ſua alma nobiliſſima, mas as noções que lhe miniſtravam uma paſmoſa erudição, e uma inſtrucção ſcientifica ſegura e completa. Não é um eſpirito concentrado e retraído que ſe poſſa eſtudar ſó na ſua evolução interna; mas uma intelligencia abérta a todas as impreſſões, cuja hiſtoria é inſeparavel da hiſtoria do ſeu tempo.

A vaſtidão da obra, a multiplicidade das noções que n'ella entram, a diverſidade das noticias, a ſolidez dos conhecimentos, não ſe comprehendem na ſimples e rapida leitura, porque a admiravel fórma litteraria grupa todos eſſes elementos n'um todo de ſurprehendente unidade. Os materiaes eſtão tão finamente ajuſtados, tão gracioſa e ſolidamente entretecidos, que o poema nos apparece

como uma creação eſpontanea do genio. Um exame detido, moſtra-nos porém quantos e quão variados elementos eſtranhos o Poeta reuniu e engaſtou no ſeu primoroſo lavor.

Em algumas obras de Camões, a ſua filiação poetica é manifeſta. A volta viva, animada, popular da phraſe, os conceitos ſubtis, os trocadilhos e oppoſições gracioſas, mas laborioſamente procuradas, os requintes de ſentimento, accuſam a influencia, aqui de Gil Vicente, ali de Bernardim Ribeiro, e em geral da geração anterior. É um reſto da poeſia cavalheireſca e popular da edade média. Das *ſerranas* e *cantigas de amigo* dos velhos cancioneiros, paſſando por algumas bellas compoſições da compilação de Rezende, até ao grande poeta, pode ſeguir-ſe um fio de tradições não interrompidas. Em outras obras, e mui particularmente nos *Luſiadas,* a tranſformação é completa. A velha influencia portugueza e popular fica no dizer agudo e gracioſo, mas o trato dos claſſicos, e ſobretudo o genio maravilhoſo do eſcriptor alargam a concepção, e dão ao eſtylo uma amplidão ſingular. A evolução que ſe paſſa no eſpirito de Camões aſſemelha-ſe á que ſe dava na pintura italiana, que da fórma admiravelmente pura, e myſticamente ideal, mas um pouco convencional e meſquinha dos quatrocentiſtas, paſſava ao eſtylo largo, franco e robuſto dos grandes meſtres do ſeculo ſeguinte. Camões tem como Raphael diverſas *maneiras*. Na plena evolução do ſeu genio poetico abandona a poeſia myſtica e eſcholaſtica dos ſeculos paſſados, e a mais recente invenção cavalheireſca, com a ſua fórma particular do maravilhoſo. Põe de banda as ficções, um tanto groſſeiras, das fadas e encantadores, e volta francamente ao mytho grego mais fino, mais culto e mais poetico. A ſua erudição claſſica é aſſombroſa. A intricada pleiada dos perſonagens mythologicos, e os mais ſomenos ſucceſſos da antiga hiſtoria aco-

dem-lhe á penna, com uma facilidade ſurprehendente. É bem um homem da renaſcença, um contemporaneo dos grandes eſpiritos que nas ſciencias, nas lettras e nas artes revolucionam o mundo velho. É ſemi-pagão, como quaſi todos no ſeu ſeculo, a começar pelo papa Leão x. Algumas das ſuas paginas,—o retrato de Venus e a ilha dos Amores—parecem quadros dos ſeus illuſtres contemporaneos, Corregio e Ticiano. São as meſmas deuſas e as meſmas nymphas. É o meſmo amor pagão da fórma correcta, da carnação fina e firme, da livre expanſão da vida animal, da nudez robuſta e ſadia banhada de luz. Camões é grande pelos incomparaveis dotes do ſeu eſpirito; mas é grande tambem pela grandeza do ſeu tempo, e pela gloria do ſeu paiz que, chegada ao ponto culminante, ia dentro em breve decair. Não é poſſivel ſeparar a ſua obra do grande movimento das intelligencias, que ſe paſſa fóra e dentro de Portugal.

A renaſcença tranſformara a arte e a litteratura, e renovara a ſciencia. Mais lentamente porém, porque foi mais litteraria que ſcientifica. Meſmo a renaſcença ſcientifica foi no ſeu começo—ſeja-nos licita a expreſſão—puramente litteraria. As obras dos grandes naturaliſtas gregos, reſtituidas á Europa, em parte pelos trabalhos dos arabes, haviam ſuſcitado um grande enthuſiaſmo, no meio do qual parece eſquecer a natureza, que as tinha inſpirado. Ariſtoteles é o objecto de um culto fervente, ha quaſi uma religião Ariſtotelica; mas os productos de que tratara não são eſtudados. Em volta de Dioſcorides pullula uma legião de commentadores; mas as plantas do campo permanecem por examinar e comparar. Tomam-ſe de cór os aphoriſmos e os preceitos de Hippocrates e de Galeno; mas não ſe preſcrutam ſymptomas nem ſe diſſecam cadaveres. Interpretam-ſe as paſſagens obſcuras de Ptolomeo; mas não ſe obſervam os aſtros, nem ſe deſcobrem novas terras. A humani-

dade, que acorda, hesita, quer reatar o fio quebrado da sciencia, e vae procural-o á grande fonte dos escriptores classicos. Estuda os livros, porque não comprehende ainda a natureza, como o pintor inexperiente copia o quadro do mestre, antes de se atrever a lançar na téla os lineamentos do modelo vivo.

Correm porém os annos, e a sciencia começa a quebrar as peias da tradição; emancipa-se pouco a pouco da tutela classica. Observa, compara, e encontra terras que Strabão não enumerara, plantas que Dioscorides não descrevera, animaes que Plinio não conhecera. O grande movimento de navegações e descobrimentos, que Portugal enceta, contribue poderosamente para dirigir os espiritos n'este sentido. O velho mundo, apertado, alarga-se e rasga o circulo ficticio, em que o encerravam os mares, julgados innavegaveis. Raras peregrinações de intrepidos viajantes, haviam nos seculos anteriores lançado alguns raios de luz, tenues e fracos, na obscuridade que envolvia as longinquas terras. Mas as copias das relações d'essas viagens jaziam ignoradas nos archivos, ou eram desprezadas, por ficticias e mentirosas, como succedeu á de Marco Polo. Agora porém as viagens succedem-se sem interrupção, systematica e methodicamente continuadas; e dentro em pouco a imprensa espalha ao longe os seus resultados.

Portugal torna-se um centro scientifico importante. A escola de Sagres produz os seus fructos. Succedem-se os astrologos que pouco a pouco se vão convertendo em astronomos. Portuguezes alguns, judeus e arabes os mais d'elles. É um resto de sciencia semitica, legado á peninsula pela velha Cordova. Pelos fins do seculo XV, ou principios do seguinte, quasi todos os homens notaveis nas sciencias mathematicas e geographicas concorrem a Portugal, ou tomam serviço nas suas armadas. É Alvise Cadamosto, o minucioso observador das terras da

Guiné que vem aliſtar-ſe entre os capitães de D. Henrique. É Martinho Behaim, o diſcipulo dilecto de João de Monte Regio, o companheiro de Diogo Cão, o auctor do primeiro globo geographico, que ſe volve portuguez e morre em Portugal. É Chriſtovão Colombo, o deſcobridor da America, a quem um ſeu amigo eſcreve de Italia, que já o julga eſquecido da ſua nacionalidade e tornado portuguez. É Americo Veſpuccio, o que devia legar o ſeu nome ao Novo Mundo, que ſe incorpora nas armadas de D. Manuel. Outros ſeguem de longe e avidamente o movimento ſcientifico, que ſe paſſa nas praias occidentaes. O grande aſtronomo Toscanelli eſtá em correſpondencia com Portugal. Pedro Martyr d'Anghiera penſa em vir eſtabelecer-ſe no occidente, ſó para eſtar mais proximo das maravilhoſas noticias das novas terras. Ramuſio e Jeronymo Fracaſtor recolhem cuidadoſamente a relação da viagem de um piloto portuguez, que o primeiro dá á eſtampa.

A Europa, repreſentada pelos homens que mais vivo raſto de luz deixaram na ſciencia do ſeu tempo, vem tomar parte no grande comettimento das nações occidentaes, ou aguarda os ſeus reſultados com anciedade. Iſto baſtaria para atteſtar o cunho ſcientifico das navegações portuguezas, ſe o não tiveſſemos patente nas paginas dos noſſos eſcriptores. E não ſão ſó os livros dos grandes eſpecialiſtas, como Pedro Nunes, ou Garcia de Orta, que nos demonſtram a cultura ſcientifica d'aquelle tempo. Eſſes não podem dar a medida da inſtrucção geral. São os livros dos homens de lettras, dos hiſtoriadores que, como João de Barros, ſe moſtram verſados nas ſciencias phyſicas e coſmographicas, e attentos obſervadores dos phenomenos naturaes. Os grandes capitães, os homens de acção ſão notavelmente inſtruidos. Dois heroes das guerras indianas, dos que mais pura memoria deixaram de ſi, dois valentes entre os valen-

tes, Duarte Pacheco e D. João de Caſtro foram dois homens de ſciencia na mais larga, e mais genuina accepção da palavra. Atteſtam-o o *Eſmeraldo* e os *Roteiros*. Dos productos naturaes do Oriente dão-nos noticia o pobre Thomé Pires, que vae deſgraçadamente morrer á China, e Duarte Barboſa, que morre em Zebu de modo ainda mais deſgraçado, pois nem tem a conſolação de perder a vida ao ſerviço do ſeu paiz.

É uma notavel época, eſta da mocidade de Camões. Gil Vicente já não exiſte, mas vive na ſua obra, em que paſſa um tão valente e tão alegre ſopro popular, e na ſua filha Paula Vicente, a mais ſympathica figura de mulher da noſſa hiſtoria litteraria. Bernardim Ribeiro ainda fica de pé, reliquia da poeſia apaixonada e cavalheiroſa da geração paſſada. Ao lado d'elle, repreſenta a fórma nova, Sá de Miranda, eſpirito mais culto que elevado, mas que, com o ſeu admiravel bom ſenſo, ſuppre muitas vezes a mingua de genio. João de Barros, o inimitavel proſador, eſtá em todo o vigor do ſeu talento. Volta á patria Damião de Goes, o grande erudito, o mais europeu dos portuguezes de então. Parte para a India D. João de Caſtro, o illuſtrado auctor dos Roteiros, cuja fama ſe conſerva pura ao contacto das riquezas orientaes, que já começam a manchar as glorias portuguezas. Para a India parte tambem Garcia de Orta, obſervador minucioſo, com um eſpirito fino e ſceptico de verdadeiro naturaliſta. Em Coimbra profeſſa mathematica Pedro Nunes.

Tal era a atmoſphera intellectual em que na patria vivia Camões, não fallando no movimento que então revolvia a Europa, e ao qual não permanece eſtranho. Não é por certo ameſquinhar o ſeu illuſtre nome, rodeal-o d'eſtes nomes illuſtres tambem. É a boa ſorte dos grandes eſpiritos, o ſerem muitas vezes a ſyntheſe de grandes épocas.

De feito os *Lufiadas* ſão, como a ſynthefe da cultura accumulada em Portugal durante um ſeculo. A decadencia eſtá proxima. A riqueza do Oriente vae pouco a pouco delindo os peitos luſitanos, que tão fortes e puros ſe haviam conſervado nas duras e pobres terras da Africa ſeptentrional. No entanto o grande poder de Portugal ainda eſtá de pé. O ſeu eſplendor ainda deſlumbra, mas as vilezas da hora preſente obrigam já as almas elevadas a refugiarem-ſe na contemplação das paſſadas glorias. É eſte o momento pſychologico unico, em que uma intelligencia da tempera da de Luiz de Camões podia conceber o plano da epopéa nacional.

N'eſſa epopéa vae incluir não ſó os feitos heroicos dos ſeus antepaſſados, mas as noções ſcientificas que ſe haviam obtido em cem annos de deſcobrimentos. E com razão porque faziam parte da gloria da patria. A aſtronomia e a geographia, a zoologia e a botanica, não a aprenderam os noſſos ſó nos livros, ou no trato dos ſabios da Europa; mas nas navegações rudes e nas terras barbaras; perdendo-ſe em baixos não deſcriptos; arremeſſados ás coſtas pelos erros dos inſtrumentos imperfeitos; comprando com o ſeu ſangue os productos vegetaes, como ainda no tempo de Camões compravam o cravo. E eſta ſciencia do ſeu tempo, o poeta poſſuia-a toda. Não quero dizer que a conheceſſe nos pequenos traços, que reſolveſſe um problema geometrico com a pericia de Pedro Nunes, ou claſſificaſſe uma droga com o ſeguro criterio de Garcia de Orta. Mas noções geraes, extenſas e exactas poſſuia-as, e incluiu-as todas no ſeu livro. Indicou-as apenas, diſcretamente, com ſobriedade, ſem luxo de peſadas deſcripções, ou alarde de erudição, porque era primeiro que tudo poeta, e teve o mais ſeguro e mais fino ſentimento litterario que jámais houve. Note-ſe por exemplo como elle caracteriſou a vegetação, como na procedencia das eſpeciarias orientaes os ſeus

traços ſão leves, fugitivos, mas tão rigoroſamente exactos, que a moderna geographia botanica nada tem a reprehender-lhe.

E vem aqui a propoſito dizer duas palavras de uma feição litteraria da ſua obra. Tem-ſe notado, quanto ſão raras no poema as deſcripções da natureza tropical. Notaram-o alguns como defeito ou tacha; notou-o Humboldt, ſem que por iſſo arguiſſe Camões. O ſabio naturaliſta allemão tinha demaſiado bom goſto para o fazer. Advirtiu-ſe, como explicação d'eſta falta, que ao poeta repugnaria o emprego, nas ſuas deſcripções, dos nomes barbaros das plantas exoticas. Accreſcentou-ſe, com razão, que devia evitar eſſes nomes, não tanto por ſerem barbaros, como por ſerem deſconhecidos, e não repreſentarem plantas familiares, cuja imagem nitida e clara ſe pintaſſe na mente do leitor.

Eſta explicação é exacta, mas a meu vêr incompleta. A verdade é, que o ſentimento intimo da natureza não o tiveram os grandes e viris artiſtas do ſeculo de Camões. Eſſe ſentimento, houve-o em outras épocas; exiſte em alto grau nas almas modernas, debeis e ſonhadoras, que ſe comprazem em contemplações um pouco morbidas, em longas deſcripções, na accumulação de traços ſubtis e minucioſos. Os artiſtas da renaſcença, robuſtos, inteiros, pouco complexos, não o conheceram; pelo menos os de raça latina. Na eſcola italiana, e n'aquellas a que mais directamente chegou a ſua influencia, não ha quaſi um paizagiſta. A repreſentação da figura humana domina a arte. Domina-a nas fórmas puras de Raphael, nos atrevidos eſcorços de Michel Angelo, nas ricas carnações do Corregio e do Ticiano. No fundo dos ſeus quadros eſſes poderoſos meſtres lançam por vezes paizagens admiraveis; mas ſacrificadas, ſubordinadas á figura do homem a que dão valor. Camões é d'eſta raça, e a ſua obra procede d'eſta eſthetica. O ſeu heroe, o perſo-

nagem que ſe agita na tela colloſſal dos *Luſiadas* é o homem. O homem com as ſuas paixões e os ſeus affectos, com a ſua altiva nobreza e as ſuas fraquezas vis, com a indomavel coragem dos peitos viris, e a ſuave doçura do coração feminino. Depois em traços rapidos eſboça uma paizagem de que ſe deſtaca a figura, como Velasques lança uma planicie apenas indicada aos pés dos ſeus ſoberbos retratos. É por iſſo que as ſcenas, não ſó da natureza dos tropicos, mas da natureza em geral, são tão raras na obra de Camões. Meſmo a verde floreſta da ilha dos Amores ſe povôa de nymphas, como n'um quadro do Albano. Pelo mar tem o poeta uma predilecção, que ſe explica n'um portuguez e n'um navegador. Ainda aſſim o intereſſe das ſuas ſcenas maritimas concentra-ſe nos marinheiros bocejantes e mal deſpertos, que ſe encoſtam pelas antennas, ou ſe agrupam ouvindo os caſos de guerra de Velloſo; e no meſtre cuja rija voz domina o aſſobio do vento pela enxarcia miuda. Camões é da grande eſcola hiſtorica. Arguil-o por não ſer um poeta descriptivo, ſeria uma critica tão injuſta e ſobre tudo tão pueril como arguir Michel Angelo por não ſer paizagiſta.

Se o poeta, pela indole do ſeu eſpirito e influencia da eſcola a que pertence, e ainda pela natureza da ſua obra, e fino tacto que o guiava, evita as longas deſcripções, e as peſadas diſſertações, eſpalha no entanto, com mão prodiga, os traços que o moſtram verſado na ſciencia contemporanea.

Reſtringindo-nos rigoroſamente aos que ſe referem ás ſciencias hiſtorico-naturaes, e, n'eſtas, ao conhecimento do mundo vegetal, vemos que o intereſſe ſe concentra nas plantas, que conſtituem a ſua flora real. Iſto é n'aquellas, que menciona nos ſucceſſos da ſua narrativa, localiſa em determinadas regiões, ou aponta como caracteriſticas de paizes particulares. Todas eſtas plantas per-

tencem á *Flora Tropical,* ſalvo uma ou duas que de paſſagem cita em deſcripções da Europa. É mui rica, quaſi completa eſta flora tropical do poema. Poucas ſão as plantas, celebres pelos ſeus productos, que Camões deixa de mencionar.

É maravilhoſo, na arte ſubtil das gradações, o modo porque prepara o leitor, para lhe fallar dos vegetaes exoticos, dos productos raros, das ſubſtancias myſterioſas d'eſſas afaſtadas terras do Oriente. Ao paſſo que, nas ficções poeticas, ſingelamente nomeia as plantas da Europa, cujas deſignações bem conhecidas evocam no eſpirito de todos, imagens nitidas e familiares; agora vae pouco a pouco levantando um veo, fazendo preſentir, adivinhar uma vegetação eſtranha e incognita.

O primeiro aſpecto da natureza tropical, das hervas novas, da floreſta virgem, não trilhada dos homens, apparece-nos na fórma vaga, indiſtincta de um ſonho—o de D. Manuel:

Aves agreſtes, feras, e alimarias,
Pelo monte ſelvatico habitavam:
Mil arvores ſylveſtres, e hervas varias,
O paſſo e o trato ás gentes atalhavam.
Eſtas duras montanhas adverſarias,
De mais converſação, por ſi moſtravam,
Que desque Adão peccou aos noſſos annos,
Não as romperam nunca pés humanos.
Cant. IV, eſt. 70.

As phantaſticas figuras dos rios da India veem ornadas de plantas exoticas:

D'ambos de dous a fonte coroada,
Ramos não conhecidos, e hervas tinha:
IV, 72.

Depois, entrando nos ſucceſſos reaes, dá-nos primeiro

pela bocca do mouro Monçaide uma rapida impreſſão das riquezas do Oriente:

> Sabei, que eſtais na India, onde ſe eſtende
> Diverſo povo, rico, e proſperado,
> De ouro luzente e fina pedraria,
> Cheiro ſuave, ardente eſpeciaria.
>
> VII, 31.

E quando o eſpirito eſtá aſſim preparado entra francamente na enumeração das eſpeciarias, ao deſcrever a partida de Calecut de Vasco da Gama:

> Leva pimenta ardente que comprara:
> A ſecca flor de Banda, não ficou,
> A noz, e o negro cravo que faz clara
> A nova ilha Maluco, co'a canella,
> Com que Ceylão he rica illuſtre e bella.
>
> IX, 14.

Remata o poema, pela eſplendida deſcripção geographica do canto decimo, talvez o mais bello, e ſeguramente aquelle em que Camões mais accentuou a feição ſcientifica da ſua obra. É de notar, que n'eſſe canto ſe não encontram deſcripções da natureza tropical, ou menções de plantas, tendo notaveis e bellas fórmas; mas unicamente uma relação de ricos productos e cuſtoſas eſpeciarias. É uma indicação ſcientifica e um traço hiſtorico—um traço das noſſas guerras indianas, que não podia eſcapar ao fino eſpirito do Poeta. De feito as glorias portuguezas andam ligadas ao trato das eſpeciarias. A pimenta levou os noſſos antepaſſados á India, e a canella levou-os a Ceylão. Pela poſſe do cravo de Maluco, ſuſtentaram guerras, obſervaram eclipſes, determinaram meridianos e debateram queſtões diplomaticas.

N'eſte caracter — ſeja-nos licita a expreſſão — puramente utilitario da ſua flora, o Poeta ainda reproduz

exactamente as noções e o modo de ver do ſeu tempo. O ponto de viſta puramente ſcientifico na obſervação dos ſeres da natureza é muito moderno. Os livros dos gregos—á parte talvez o de Theophraſto—não ſão obras de botanica, mas tratados de materia medica. Nos eſcriptos dos arabes, nos na edade média e nos da renaſcença conſerva-ſe o meſmo caracter. Os vegetaes attraiam a attenção unicamente pelos productos que forneciam ao homem. Eſpeciarias ardentes, perfumes ſubtis, madeiras precioſas, remedios poderoſos, antidotos ſoberanos, é o que os navegadores procuravam e os naturaliſtas deſcreviam. Garcia de Orta e Chriſtovão da Coſta, com ſerem eſpecialiſtas, não tratam em geral das plantas, mas excluſivamente dos ſimplices e drogas.

Camões, collocado n'eſte campo, tem das producções do Oriente um conhecimento completo e ſeguriſſimo. Onde o havia obtido? Em grande parte decerto nas obſervações directas que pôde fazer em ſuas longas viagens: na eſtada em Goa: na expedição ao eſtreito e ás ilhas alagadas do rei da Pimenta: na longa aſſiſtencia em Macau: na navagação a Malaca e ás Molucas: na ultima e tão triſte demora em Moçambique. Em parte o obteve pela leitura de Barros, como ſe torna patente da comparação do poema, com o livro do bem informado hiſtoriador. Seguramente ſe inſtruiu tambem na converſação do velho Garcia de Orta. É poſſivel que Camões, ſendo ainda creança, tiveſſe conhecido em Coimbra aquelle illuſtre medico; o certo é, que na India renovou ou travou com elle relações de boa amiſade e intimo trato. É o que ſe vê da ode que dirigiu ao conde de Redondo, então vice-rei da India, por occaſião de ſe imprimirem em Goa os *Colloquios*.

Com quanto eu fuja ás longas citações de verſos bem conhecidos, vem eſta ode tão de molde ao aſſumpto, que não poſſo deixar de a tranſcrever na integra:

Aquelle unico exemplo
De fortaleza heroica e ouſadia,
Que mereceo no templo
Da Fama eterna ter perpétuo dia;
O grão filho de Thetis, que dez anos
Flagello foi dos miſeros Troianos;

Não menos enſinado
Foi nas hervas e Medica policia,
Que deſtro e coſtumado
No ſoberbo exercicio da Milicia:
Aſſi que as mãos que a tantos morte derão,
Tambem a muitos vida dar poderão.

E não ſe deſprezou
Aquelle fero e indomito mancebo,
Das Artes qu'enſinou
Para o languido corpo o intonſo Phebo;
Que ſe o temido Heitor matar podia,
Tambem chagas mortaes curar ſabia.

Taes Artes aprendeo
Do ſemiviro Meſtre e docto velho,
Onde tanto creſceo
Em virtude, e em ſciencia e em conſelho,
Que Telepho, por elle vulnerado,
Só delle pôde ſer depois curado.

Pois vós, ó excellente
E illuſtriſſimo Conde, do Ceo dado
Para fazer preſente
D'altos Heroes o ſeculo paſſado;
E em quem bem traſladada eſtá a memoria
De voſſos aſcendentes a honra e gloria:

Postoque o penſamento
Occupado tenhais na guerra infeſta,
Ou co'o ſanguinolento
Taprobano, ou Achem, que o mar moleſta,
Ou co'o Cambaico, occulto imigo noſſo;
Que qualquer d'elles teme o nome voſſo:

Favorecei a antiga
Sciencia que já Achilles eſtimou;
Olhae que vos obriga
O vêr qu'em voſſo tempo rebentou
O fructo d'aquell'Orta onde florecem
Plantas novas, que os doctos não conhecem.

Olhae qu'em voſſos anos
Huma Orta produze varias hervas
Nos campos Indianos,
As quaes aquellas doctas e protervas,
Medéa e Circe, nunca conhecêrão,
Poſtoque a lei da Magica excedêrão,

E vêde carregado
D'annos e traz a vária experiencia
Hum velho, qu'enſinado
Das Gangeticas Muſas na ſciencia
Podaliria ſubtil, e arte ſylveſtre,
Vence ao velho Chiron, d'Achilles meſtre

O qual eſtá pedindo
Voſſo favor e amparo ao grão volume,
Qu'impreſſo á luz ſahindo,
Dará da Medicina um vivo lume;
E deſcobrir-noſ-ha ſegredos certos,
A todos os Antiguos encobertos.

Aſſi que não podeis
Negar a que vos pede benigna aura:
Que ſe muito valeis
Na ſanguinoſa guerra Turca e Maura,
Ajudae quem ajuda contra a morte;
E ſereis ſemelhante ao Grego forte.

É ſympathica eſta intervenção do Poeta que, em todo o vigor da edade e do genio, empenha o ſeu valimento, para que ſe deem á eſtampa, e ſe tornem conhecidas do mundo ſcientifico as obras d'aquelle velho, que era um dos primeiros naturaliſtas do ſeu tempo. Afigura-ſe-nos

que Camões, aborrecido ás vezes da companhia um pouco frivola dos jovens fidalgos, e não tendo entre mãos aventura ou desafio que o distraísse, procuraria a companhia do respeitavel medico, e escutaria as palestras, talvez prolixas, d'aquelle espirito fino, que era tambem um grande erudito; que conhecia a fundo os gregos e os arabes, e os seus numerosos commentadores. Da bocca do experimentado homem de sciencia, receberia o poeta curiosa e boa lição sobre as *novas hervas* que Medéa e Circe não conheceram, e os *segredos certos* que aos antigos haviam sido *encobertos*. São estas copiosas noções, assim obtidas, e empregadas depois com inimitavel discripção, que nós encontramos espalhadas pelo poema, e examinaremos detidamente sob a epigraphe de *Flora Tropical*.

Antes porém, será necessario estudar uma diversa feição esthetica da grande obra de Camões, indagando quaes os aspectos da natureza em que procurou comparações, quaes as plantas que lhe serviram nos *similes* e ficções poeticas. Os vegetaes da patria que viviam na sua memoria saudosa, os diversos typos que vira nas suas dilatadas viagens, e os que encontrara descriptos nas suas vastas leituras, de antigos e modernos escriptores, forneciam-lhe variados elementos. Como aproveitou esses elementos, em que proporções os empregou na urdidura poetico-botanica da sua obra? É o que cumpre investigar. A descripção da ilha, chamada dos Amores, entra naturalmente n'esta secção: como porém a importancia d'este episodio é grande, e n'elle se inclue a mais longa, ou antes, a unica pintura longa da natureza vegetal, que nos depara o poema, convirá examinal-o á parte.

Distribue-se pois este trabalho naturalmente em tres distinctas secções, sob as epigraphes: *Flora Poetica*, *Ilha dos Amores*, *Flora Tropical*.

I

FLORA POETICA

Camões procura algumas vezes no reino vegetal comparações e figuras, ſem que no entanto ſe refira a plantas determinadas.

Por exemplo na paſſagem em que, deſcrevendo o tumulto levantado no conſelho dos deuſes, diz:

> Qual Auſtro fero, ou Boreas na eſpeſſura,
> De ſylveſtre arvoredo abaſtecida,
> Rompendo os ramos vão da mata eſcura,
> Com impeto e braveza deſmedida;
> Brama toda a montanha, o ſom murmura,
> Rompem-ſe as folhas, ferve a ſerra erguida:
> Tal andava o tumulto levantado,
> Entre os deoſes no Olympo conſagrado.
>
> I, 35.

Semelhante aſpecto da natureza pinta tambem, fallando da tempeſtade que aſſaltou as naus de Vaſco da Gama antes de chegarem á India:

Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!
As forçofas raizes não cuidaram
Que nunca para o ceo foffem viradas;
VI, 79.

Muito indirectamente diz refpeito ao reino vegetal um traço da narração da batalha de Ourique:

Bem como, quando a flamma, que ateada
Foi nos aridos campos (affoprando
O fibilante Boreas) animada
Co'o vento, o fecco mato vae queimando:
III, 49.

O Poeta de certo fe recordou, n'efta defcripção, das queimadas, que havia vifto nas charnecas da Beira e do Alemtejo, ou talvez nos campos de Ceuta e de Tetuão, onde arabes e kabylas ufam muito fazel-as.

A uma ordem de idéas e de fenfações, abfolutamente diverfa, pertencem as comparações ou imagens feguintes. As *hervinhas* a que Ignez de Caftro, tão graciofamente enfinava o nome querido, e os admiraveis verfos que a pintam morta:

Affi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lafcivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido, e a cor murchada;
III, 134.

ou efte traço da defcripção de uma noite ferena:

As eftrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo reveftido de boninas.
I, 58.

Seria inutil e impertinente querer dar relevo, em um frio commentario, ás bellezas contidas n'eſtes verſos, e patentes aos olhos de todos. Notemos apenas, com quanta ſobriedade Camões ſe referiu aos aſpectos geraes da vegetação, e como as deſcripções citadas, ſobre ſerem raras, ſão curtas e condenſadas.

Não ſão muito mais frequentes os verſos em que mencionou plantas eſpeciaes; quer procuraſſe na ſua fórma comparações e imagens, quer as citaſſe como reminiſcencias claſſicas, ou as fizeſſe entrar na ſua narração.

Vejamos primeiro como compõe as coroas ou capellas, que ornam os ſeus perſonagens. A planta mais vezes empregada é a palmeira. Se bem a *Phœnix dactylifera* L. ſeja oriunda da Africa, foi muito conhecida na região mediterranica d'eſde os tempos mais remotos, e na peninſula adquiriu, depois da conquiſta dos arabes, fóros de grande naturaliſação. Demais as expreſſões *palma da victoria,* ou do *martyrio*, já não ſão figuras, ſenão locuções correntes. A palma é o ſymbolo do triumpho, como diz o Poeta:

..... trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem coroa verdadeira.
II, 93.

Citarei apenas, entre muitas paſſagens, onde a menciona, as duas ſeguintes:

A Dom Matheus, o biſpo de Liſboa,
Que a coroa de palma alli coroa.
VIII, 24.

e quando, referindo-ſe a D. Affonſo de Albuquerque, diz:

Que gloriofas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando fem fombra vãa de medo, ou pejo,
Toma a ilha illuftriffima de Goa!
x, 42.

Uma ou outra vez, affocia á palma o louro,—o claffico e poetico *Laurus nobilis* L.—, por exemplo, quando falla de D. Affonfo v:

Na fronte a palma leva e o verde louro
Das victorias do barbaro,.....
iv, 55.

E na tão fentida eftancia, em que fe queixa da ingratidão dos feus conterraneos, pede modeftamente para fi uma capella de louro:

E ainda, Nymphas minhas, não baftava
Que tamanhas miferias me cercaffem;
Senão que aquelles que eu cantando andava,
Tal premio de meus verfos me tornaffem:
A troco dos defcanfos que efperava,
Das capellas de louro que me honraffem,
Trabalhos nunca ufados me inventaram,
Com que em tão duro eftado me deitaram.
vii, 81.

Nas coroas academicas, conquiftadas em Coimbra, entra um novo elemento:

Quanto pode de Athenas defejar-fe,
Tudo o foberbo Apollo aqui referva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do fempre verde louro.
iii, 97.

O baccharo é uma planta da região mediterranica, o

Gnaphalium ſanguineum L. Camões porém, que provavelmente não conhecia a planta, cita-a como reminiſcencia claſſica. De feito o baccharo era uſualmente empregado pelos Romanos na formação das capellas. Plinio deſcrevendo as regras ſeveras que preſidiam á compoſição das coroas, e ao direito de as trazer, menciona em um dos primeiros logares o *bacchar*[1].

Não podem eſquecer as grinaldas com que Venus mandou ornar, ou armar as nymphas, para mais ſeguramente ſeduzirem os ventos e abrandarem a ſua furia:

> Em quanto manda as nymphas amoroſas,
> Grinaldas nas cabeças pôr de roſas.
> VI, 86.

De que eſpecie de *Roſa* ſe trata aqui? Decerto que em tal não penſou Camões. Admittamos, ſem ocioſas inveſtigações, que é da *Roſa centifolia* L., eſpecie cultivada deſde tempos remotos, e que parece ter ſido cantada já por Homero e Theocrito.

Examinaremos agora o pequeno numero de comparações ou figuras buſcadas no reino vegetal. Em algumas paſſagens, a menção da planta vem como incidente, por exemplo:

> Qual o touro cioſo, que ſe enſaia
> Para a crua peleja, os cornos tenta
> No tronco d'hum carvalho, ou alta faia,
> X. 34.

Á figura procurada no animal furioſo, junta-ſe occaſionalmente a citação de duas arvores de groſſos e ro-

[1] Cf. Plinio. *Hiſt. nat.* XXI, 16. II, pag. 46, ed. Littré.

buſtos troncos, que devem ſer a eſpecie *Quercus robur* L., e a *Populus alba* L., a que vulgarmente ſe chama *faia;* apeſar de que Camões, em outra parte a cita pelo nome de *alemo,* tambem vulgar.

Nas bem conhecidas eſtancias do começo do canto nono, o Poeta, queixando-ſe dos que não deixam penetrar a verdade nos paços reaes, refere-ſe a um proceſſo de cultura do *Triticum vulgare:*

> Vendem adulação, que mal conſente
> Mondar-ſe o novo trigo florecente.
> IX, 27.

De indole mais branda e ſuave ſão as citações que temos a fazer. Uma comparação de Venus com a roſa:

> ..... E n'iſto de mimoſa,
> O roſto banha em lagrimas ardentes,
> Como co'o orvalho fica a freſca roſa:
> II, 41.

e outro traço bem conhecido da ſua deſcripção:

> Pelas liſas columnas lhe trepavam
> Deſejos, que como hera ſe enrolavam.
> II, 36.

É tão gracioſamente atrevida eſta imagem, que muito contra vontade d'ella fallo, na fria linguagem ſcientifica, dizendo que a *Hedera Helix* L. é planta vulgariſſima e conhecida de todos os antigos poetas.

Mais delicadamente ainda ſe deve fallar dos lirios roxos, dos delicados *Iris*, da eſtancia ſeguinte:

> Porem nem tudo eſconde, nem deſcobre
> O veo, dos roxos lirios pouco avaro:
> II, 37.

A par d'eſtas, encontramos algumas plantas, que o Camões menciona como ſimples reminiſcencia claſſica e mythologica. Aſſim no palacio ſubmarino, onde eſtão repreſentados os elementos, e entre elles a terra:

> Eſtava a Terra em montes reveſtida
> De verdes hervas, e arvores floridas,
> Dando paſto diverſo e dando vida
> Ás alimarias n'ella produzidas.
> VI, 12.

eſtá tambem figurado o famoſo certame de Neptuno em que os homens:

> Delle o cavallo houveram, e a primeira
> De Minerva pacifica oliveira.
> VI, 13.

A oliveira, a vulgar *Olea Européa* L., com ſer planta tão portugueza, ſó vem mencionada n'eſte verſo; e aqui entra como um ornato proprio do palacio de Neptuno, o qual generoſamente não duvidava recordar a contenda, em que, ſegundo a opinião geral, fôra vencido. Refere-ſe pois o noſſo Poeta ao dom de Minerva,

> ..... *oleae que Minerva*
> *Inventrix:* .....
> Virg. Georg. I.

que creara eſſe famoſo pé, o qual ainda no tempo de Plinio ſe dizia exiſtir. *Athenis quoque olea durare traditur in certamine edita à Minerva*[1].

---

[1] Cf. Plinio. *Hiſt. nat.* XVI, 89. I. pag. 605.

Aſſim tambem quando Camões, a propoſito das conquiſtas de Affonſo V no norte da Africa, diz:

> Eſte pode colher as macãas de ouro,
> Que ſomente o Tyrinthio colher pode:
> IV, 55.

refere-ſe aos pomos roubados por Hercules, como conta Ovidio:

> *Pomaque ab inſomni non cuſtodita Dracone.*
> Metam. IX.

ou obtidos do velho Atlas, como mais detidamente relata Pherecydes. O jardim das Heſperides foi quaſi ſempre collocado n'eſſe extremo norte da Africa, que os portuguezes ſubjugaram. Podemos notar de paſſagem, que, ſe o fundo da tradição ſe refere a alguma planta real, não deve ſer, como geralmente ſe julga, á laranjeira, pois eſta arvore é oriunda de regiões muito afaſtadas.

Reminiſcencia mythologica é ainda uma referencia á bem conhecida aventura do peſcador Glauco:

> O Deos, que foi n'um tempo corpo humano,
> E por virtude da herva poderoſa
> Foi convertido em peixe,.....
> VI, 24.

e egualmente a deſcripção da barba de Tritão, feita de limos *prenhes de agua,* que lembra a *rorantia barba* de Ovidio: o thyrſo frondente de Baccho duas vezes citado: e ainda o corno de Amalthea, envolvido na enredada menção da primavera dos ſeguintes verſos:

> Era no tempo alegre, quando entrava
> No roubador de Europa a luz Phebea;

Quando um e o outro corno lhe aquentava;
E Flora derramava o de Amalthea.
II, 72.

Vem aqui a propoſito mencionar os traços, mythologicos na fórma mas reaes na eſſencia, com que o Poeta eſboça rapidamente, porém com mão ſegura, algumas feições da natureza de Portugal.

O primeiro caracteriſa a provincia do Alemtejo, já então conhecida pela abundante producção do trigo:

E vós tãobem, ó terras Tranſtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres.
III, 62.

O ſegundo define a época, em que foi pelejada a batalha de Aljubarrota, pelo fim do verão, quando ſe recolhem os fructos do trigo, e os da vinha:

Era no ſecco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Aſtrea o ſol, no mez de Agoſto;
Baccho das uvas tira o doce moſto.
IV, 27.

Em reſumo, a flora poetica reduz-ſe a muito pouco. Onze plantas dos generos *Phœnix, Laurus, Gnaphalium, Roſa, Quercus, Populus, Triticum, Hedera, Iris, Olea e Vitis*, ſão as que encontramos mencionadas, de modo que as poſſamos identificar com ſegurança.

O primeiro reparo que ſe offerece fazer, é ſobre a vulgaridade d'eſtas plantas. São todas indigenas de Portugal, ou ahi cultivadas com frequencia. O Poeta não buſcou uma unica comparação na flora oriental. Não que a deſconheceſſe, como depois veremos. Sem admittirmos que havia examinado meudamente a vegetação

da India e da China, é de crer, no entanto, que as grandes folhas das *Mufas,* os elegantes caules dos *Cocos,* e das *Arecas,* as vaftas copas dos *Ficus*, houveffem attraido a fua attenção. Mas de induftria fó fe ferve, nas fuas figuras, de plantas que fendo-lhe familiares, fejam tambem familiares aos feus leitores. Quer pintar com effas imagens, e pinta com o nome da *rofa,* do *carvalho* e do *lirio,* que fufcitam na mente do leitor a reprefentação viva de uma planta conhecida. Não fei fe n'efta efcolha teve fempre pleno conhecimento do que fazia, ou fe o ferviu um tacto inconfciente, uma efpecie de inftincto litterario, que mais feguramente guia os grandes efcriptores, do que as regras longamente penfadas, e logicamente deduzidas.

Admittindo porém, que deliberadamente reftringiffe as fuas citações ás plantas vulgares, é de notar que mefmo n'efte campo, ainda largo, fe ferviu do reino vegetal com muita parcimonia. Ainda aqui não ha ignorancia ou pouca attenção preftada ás flores e plantas da patria. Nas *Rimas* as menções e defcripções de flores abundam[1]. Ha particularmente na *Elegia* VII um curiofo e completo quadro da flora, que podemos chamar claffica portugueza. A vegetação dos antigos jardins, as flores populares com as fuas fignificações tradicionaes, que ainda encontramos em alguns quintaes de provincia, não invadidos pelas modernas introducções da horticultura, vem ahi defcriptas mui fielmente.

Se pois não as fez entrar mais largamente nos *Lufiadas,* foi porque a indole pouco defcriptiva do feu efpi-

[1] Penfei a principio em fazer a Flora geral de Camões. Julguei depois que o exame das *Rimas,* tiraria a unidade ao prefente enfaio. Talvez mais tarde, em trabalho efpecial que firva de appendice a efte, eftude as reftantes poefias.

rito e da ſua eſcola, e ſobre iſſo, a natureza heroica da ſua obra lh'o vedavam. Da ſobriedade com que uſa d'eſtes meios poeticos, reſulta em parte o ſeu effeito. As notas ſentidas ou alegres da narrativa da morte de D. Ignez Caſtro, e do retrato de Venus, deſtacam-ſe do tom elevado e ſevero da obra, com tanto mais brilho, quanto ſão mais raras.

II

A ILHA DOS AMORES

Tem ſido muito controvertida, e nem ſempre com felicidade, a ſituação geographica da famoſa ilha. Ha n'eſta queſtão duas partes diſtinctas: uma que ſe refere propriamente á ſituação da ilha, iſto é, á ſua collocação n'um ou n'outro ponto do oceano: a outra que diz reſpeito á ſua natureza, ou antes á ſua identificação com uma *terra real*.

A primeira não nos intereſſa directamente n'eſte eſtudo, nem tem, a meu vêr, um grande intereſſe geral. Qualquer que foſſe a origem da gracioſiſſima ficção de Camões, a ſua collocação permanecia arbitraria. Quer ſe inſpiraſſe nas deſcripções de mais antigos poetas,— e os nomes de Homero, Poliziano e Arioſto, teem ſido muitas vezes pronunciados a propoſito d'eſte epiſodio,— quer ſe recordaſſe d'eſſas myſterioſas terras, por exemplo, da *ilha das mulheres,* que a edade média collocava no Atlantico, e que deſalojadas pelos deſcobrimentos,

ſucceſſivamente ſe foram refugiando em recantos não navegados do oceano; o certo é, que Camões conſervava abſoluta liberdade na ſituação a eſcolher, para aquella poetica terra aparelhada por Venus.

Sobre eſte ponto unicamente direi que, ſem adoptar todas as razões—algumas bem ſingulares—que determinaram Faria e Souſa a collocar a ilha nos mares do Oriente; ſem inſiſtir ſobre os motivos plauſiveis, que em favor da meſma opinião adduziu Joſé Gomes Monteiro; e ſem diſcutir o famoſo verſo, e a não menos famoſa *dieréſe,* me parece em geral acceitavel eſta interpretação das paſſagens do poema, e muito mais ſegura que a do morgado de Mattheus e de outros, que tranſportaram a ilha para o Atlantico.

Reſta-nos agora examinar ſe o Poeta collocou ali uma pura ficção, ou alludiu a uma *terra real.* E cumpre-nos fazer eſſe exame, porque a *vegetação* da ilha, e ſó ella, nos pode levar a uma concluſão ſegura.

Parece que, logo depois da publicação do poema, ſe começaram a edificar hypotheſes, mais ou menos plauſiveis, ſobre a natureza da ilha, pois Manuel Correia, nos ſeus commentarios, já nos diz que alguns a procuraram em Santa Helena. O honeſto licenciado não acceita porém eſta opinião, e depois de a mencionar accreſcenta, com boa critica de que nem ſempre é prodigo: «mas enganam-ſe, porque foi um fingimento que o poeta aqui fez, como claramente conſta da lettra.»

O erudito Faria e Souſa tentou mais tarde localiſar o epiſodio na ilha de Anchediva, e foi procurar a hiſtoria dos barcos cobertos de rama, com que o pirata Timoja quiz ahi atacar os noſſos, como conta João de Barros. Eſta verdura, ou balſa fluctuante, teria ſuſcitado na mente de Camões a primeira idéa da ſua ilha, fluctuante tambem. Com eſta hiſtoria enreda o commentador o caſo ſuccedido nas bodas que, muito tempo depois, Affonſo

de Albuquerque ordenou em Goa, e onde ſe deram confuſões e trocas — por certo pouco agradaveis — entre noivos e noivas. N'eſtas uniões, um tanto fortuitas entre os ſoldados portuguezes e as moças indianas, encontra outra origem da ficção. É tanto mais ſingular eſte infeliz eſforço do fecundo eſcriptor, para eſcorar a ſua hypotheſe que mal ſe tem de pé, quanto depois parece eſquecer-ſe completamente de Anchediva, e, nas notas á eſtancia 54 e ſeguintes do canto IX, reconhece a natureza claſſica da deſcripção, accumulando as citações de modernos e antigos poetas que a demonſtram. De modo que — na opinião de Faria e Souſa — Camões teria collocado a ilha dos Amores em Anchediva, e depois não teria conſervado, na deſcripção, nem um ſó traço de Anchediva, ou da natureza tropical; o que é de todo o ponto inadmiſſivel.

Em uma carta, já citada, muito bem eſcripta, e contendo na parte excluſivamente litteraria apreciações juſtas e novas, Joſé Gomes Monteiro eſtudou modernamente eſta queſtão. Fez alguns reparos á paſſagem do *Koſmos,* em que Humboldt com razão notara a feição mediterranica da ilha, e quiz dar uma lição de *geographia botanica* ao illuſtre fundador d'eſta ſciencia. A tentativa foi infeliciſſima, como era natural. O auctor da carta, muito eſtimavel erudito, não ſabia botanica, e muito menos geographia botanica. Ninguem lh'o pode levar a mal; mas eſta lacuna nos ſeus conhecimentos, conduziu-o ao mais ſingular reſultado.

Não ſó quiz localiſar a ilha em Zanzibar, como julgou encontrar na deſcripção dos *Luſiadas* os traços da vegetação d'aquelle paiz. Para fazer concordar duas coiſas tão diverſas, como ſão a natureza puramente européa, deſcripta por Camões, e a natureza puramente tropical da coſta africana deu tratos á imaginação. Foi procurar as auctoridades do biſpo Oſorio, de Damião de

Goes, de Fr. João dos Santos, de Botelho e de varios outros, e conſtruiu uma Flora de Zanzibar de phantaſia. As auctoridades citadas, valioſas em queſtões hiſtoricas ou litterarias, podem ter valor nas queſtões ſcientificas, quando ſejam cuidadoſamente criticadas, e comparadas com as noções modernas. Deſajudadas porém d'eſta elucidação, em certos caſos muito difficil de fazer, não tem valor de eſpecie alguma. Nada ha mais problematico, do que ſaber a que arvore o auctor do *Roteiro de Vaſco da Gama* chamaria um ulmeiro, e o meſmo ſe pode objectar ás outras citações[1]. Não quer iſto dizer, que não exiſtam na coſta africana, algumas das plantas de que falla Camões. As eſpecies do genero *Citrus,* por exemplo, originarias do Oriente, muito conhecidas dos arabes, e por elles eſpalhadas em todas as regiões que dominaram, proſperam nas terras orientaes da Africa. O que deſtroe a hypotheſe de Monteiro, não é a exiſtencia ou a falta de uma ou outra planta, é o conjuncto de todas, é o typo da vegetação, admiravelmente fixado pelo Poeta. Suppor que Camões, tão ſcientificamente exacto nas ſuas affirmações, caracteriſou a flora de Zanzibar com ulmeiros e murta, açucenas e mangerona ſó pode provir da falta de conhecimentos hiſtorico-naturaes. Eſta tentativa é pois a meu ver, ainda mais infeliz que as

[1] Entre as auctoridades citadas figura a de um botanico illuſtre, Richard, em apoio da afferção que o Myrto propriamente dito creſce nos tropicos. O caſo era grave para o pobre Richard. Tirando porém a limpo a ſua affirmação vê-ſe que é correcta; mas que Monteiro não a percebeu bem. Richard diz que as *Myrteas* ſão tropicaes, e entre os generos cita o *Myrtus.* Não podia dizer mais em uns *Elementos.* A verdade é, que as numeroſas eſpecies do genero *Myrtus* ſão tropicaes, excepto *uma.* Mas eſſa, é exactamente a planta conſagrada a Venus, o myrto propriamente dito, do ſul da Europa, e do qual fallou Camões. De modo que a unica auctoridade botanica citada na *Carta*, foi mal interpretada.

precedentes. Taes foram as principaes opiniões, que vogaram ſobre a localiſação da ficção poetica do canto IX dos *Luſiadas* em alguma das ilhas dos mares orientaes[1], e que difficilmente reſiſtem ao exame.

Procuremos agora o que era eſſa ilha, que Venus e a phantaſia do Poeta levaram fluctuando ao encontro dos navegadores, e vejamos ſe pode reſtar duvida ſobre a ſua natureza. A vegetação da ilha vem deſcripta nas ſeguintes eſtancias do canto IX:

54

Tres formoſos outeiros ſe moſtravam
Erguidos com ſoberba graciofa,
Que de gramineo eſmalte ſe adornavam
Na formoſa ilha alegre e deleitoſa:
Claras fontes, e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçoſa:
Por entre pedras alvas ſe deriva
A ſonoroſa lympha fugitiva.

55

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinham as claras aguas ajuntar-ſe,
Onde huma meſa fazem, que ſe eſtende
Tão bella, quanto pode imaginar-ſe:
Arvoredo gentil ſobre ella pende,
Como que pronto eſtá para affeitar-ſe,
Vendo-ſe no cryſtal reſplandecente,
Que em ſi o eſtá pintando propriamente.

---

[1] Cf.—*Os Luſiadas*, etc., comm. pelo licenciado Manuel Corrêa, 248 e ſeguintes.—*Luſiadas*, etc., comm. por Manuel de Faria i Souſa, IV, 30, 135 e ſeguintes.—Barros, I *Decada*, IV, 11, e II *Decada*, V, 11.—Humboldt, *Coſmos*, II, 67, tr. franc. 1855.—Joſé Gomes Monteiro, *Carta ao Ill.mo Snr. Thomaz Norton*, etc. Porto, 1849.

56

Mil arvores eſtão ao ceo ſubindo,
Com pomos odoriferos e bellos:
A larangeira tem no fructo lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos;
Encoſta-ſe no chão, que eſtá cahindo
A cidreira co'os peſos amarellos;
Os formoſos limões, alli cheirando
Eſtão virgineas tetas imitando.

57

As arvores agreſtes, que os outeiros
Tem com frondente coma ennobrecidos,
Alemos tão de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados e queridos:
Myrtos de Cytherea, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos;
Eſtá apontando o agudo cypariſo
Para onde é poſto o ethereo paraiſo.

58

Os dons que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos ſabores,
Sem ter neceſſidade de cultura,
Que ſem ella ſe dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo que da patria Perſia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

59

Abre a romãa, moſtrando a rubicunda
Côr, com que tu rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro eſtá a jucunda
Vide, c'huns cachos roxos e outros verdes:

E vós ſe na voſſa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno que co'os bicos
Em vós fazem os paſſaros inicos.

60

Pois a tapeçaria bella e fina,
Com que ſe cobre o ruſtico terreno,
Faz ſer a de Achemenia menos dina,
Mas o ſombrio valle mais ameno,
Alli a cabeça a flor Cephiſia inclina
Sobolo tanque lucido e ſereno;
Florece o filho e neto de Cinyras,
Por quem tu, deoſa Paphia, inda ſuſpiras.

61

Para julgar difficil couſa fora,
No ceo vendo, e na terra as meſmas côres,
Se dava ás flores côr a bella Aurora,
Ou ſe lha dão a ella as bellas flores.
Pintando eſtava alli Zephyro e Flora
As violas, da côr dos amadores;
O lirio roxo, a freſca roſa bella,
Qual reluze nas faces da donzella:

62

A candida cecem, das matutinas
Lagrimas rociada, e a mangerona;
Vem-ſe as letras nas flores Hyacinthinas,
Tão queridas do filho de Latona;
Bem ſe enxerga nos pomos e boninas,
Que competia Chloris com Pomona:
Pois ſe as aves no ar cantando voam,
Alegres animaes o chão pòvoam.

Accreſcentemos ainda um verſo do canto x em que

vem citada uma planta pertencente á flora da ilha, e não mencionada aqui:

..... e deſpertava
Os lirios e jaſmins que a calma aggrava.
x, 1.

É neceſſario agora fazer uma enumeração rapida d'eſtas plantas:

——A laranjeira, *Citrus Aurantium* L., é uma eſpecie particular, ou uma ſimples variedade cultural do *Citrus Bigaradia* de fructos amargoſos. Julga-ſe originaria do extremo Oriente, talvez da China. Não foi conhecida na antiguidade, nem na edade média, e ſuppoz-ſe meſmo que havia ſido introduzida na Europa pelos portuguezes, depois de ſuas viagens. Galleſio porém encontrou provas numeroſas da ſua frequente cultura na Heſpanha e Italia logo no começo do XVI ſeculo, o que denota uma introducção mais antiga.

——A cidreira, *Citrus medica* Galleſio, foi ao que parece a unica eſpecie d'eſte genero conhecida dos antigos povos da Europa. Theophraſto já a menciona ſob o nome de μῆλον μηδικόν, que indica a ſua procedencia da Média.

——O limoeiro, *Citrus Limonum* Riſſo, foi conhecido deſde os tempos mais antigos na India. Do ſeu nome ſanſkrito *nimbuka,* procede o arabe *limun,* e as deſignações vulgares. A ſua introducção na Europa parece ſer devida aos arabes, e aos cruzados, e ter tido logar depois do X ſeculo.

——A cerejeira, *Ceraſus avium* L., eſpontanea na Europa média e auſtral, e Africa boreal; é o κέρασος de Theophraſto.

——O pecegueiro, *Perſica vulgaris* Mill., ſuppõe-ſe ſer indigena do Oriente. É certo porém, que os antigos o conheceram, e que a ſua cultura ſe eſpalhou pela via da Perſia, d'onde lhe veiu o nome; é o μηλέα περσική de Theophraſto.

——A amoreira, *Morus nigra* L.: a eſta e não á branca ſe refere Camões, como ſe vê da alluſão aos amores que lhe deram a côr, juntamente com o nome. É originaria das vertentes do Caucaſo e região do Caſpio. Parece ſer a arvore a que Theophraſto chama συκάμινον.

——A romeira, *Punica granatum* L., é indigena, como o ſeu nome indica, da Africa do norte, ou talvez da Paleſtina, d'onde os phenicios a trouxeram para a ſua colonia de Carthago. É já citada por Homero ſob o nome de ροά ou ροιά.

——A pereira, *Pyrus communis* L., é eſpontanea em toda a Europa temperada. A pera ὄκνη, já vem mencionada nos verſos de Homero e de Theocrito.

——A vide, *Vitis vinifera* L., é eſpontanea em toda a região do Caucaſo, e na Armenia, e ſob o nome de αμπελος é citada pelos mais antigos poetas.

——O alemo, *Populus alba* L., é planta eſpontanea em toda a região mediterranica; é o λεύκη de Theocrito e o ἀκερωίσ de Homero.

——O loureiro, *Laurus nobilis* L., é a uuica Lauracea indigena da Europa; o δαφνη, celebrado por todos os poetas antigos.

——O myrto, *Myrtus communis* L., é egualmente a unica Myrtacea eſpontanea na Europa: é o μύρτος o Theocrito e de varios outros poetas.

——O ulmeiro, *Ulmus campeſtris* L., eſpontaneo na noſſa região; é o πτελέα de Heſiodo, Homero e Theocrito.

——O pinheiro, *Pinus Pinea* L. Provavelmente a efta efpecie fe referiu Camões, pois é a mais bella das duas vulgares em Portugal; é o πιτυς de Homero.

——O ciprefte, *Cupreffus fempervirens* L., efpecie vulgar, mencionada com os nomes de κυπάριττος e κυπάρισσος por Homero e Theocrito.

——A flor cephifia, o ναρκισσος e *narciffus* de todos os poetas, tem-fe geralmente identificado com o *N. poeticus* L.; n'efte cafo porém, pella allufão evidente a Ovidio, deve referir-fe a uma das efpecies de coronete amarello, talvez ao *N. Tazetta* L.

——O filho de Cinyras é o *Adonis autumnalis* L., o αργεμωνη de Dioscorides, planta vulgariffima em Portugal, onde tem o nome de *beijinhos*, talvez por alguma reminifcencia claffica, inconfcientemente confervada.

——A viola. Lembra naturalmente identificar efta planta com a *Viola odorata* L., o ιον de Theocrito e de Homero. Porém a referencia a côr dos amadodores, que é pallida, moftra-nos que fe trata do λευκόϊον de Theocrito, a *viola alba* de Plinio; ifto é, de uma planta muito diverfa, que fe julga fer a *Matthiola incana* R. Br., e é vulgar na noffa região.

——O lirio roxo, é alguma das efpecies de *Iris,* conhecidas dos antigos, ou a *Iris fubbiflora* Brotero, a mais bella das efpecies portuguezas de periantho roxo.

——A rofa é a *Rofa centifolia* L., conhecida e celebrada por todos os antigos poetas.

——A cecem, *Lilium candidum* L., julga-fe originaria da Syria e Paleftina, d'onde fua cultura fe efpalhou pela Europa; é o κρινον de Theocrito. O nome

portuguez cecem, vem do arabe *ſuſen*, que ſe prende ao hebraico já mencionado no Cantico dos Canticos. Da meſma origem vem a deſignação, hoje mais uſada, de açucena, pela addição do artigo, que ſegundo a conhecida regra muda o *l* em *s*, *as-ſuſen*.

——A mangerona, *Origanum Majorana* L., eſpontanea na Africa do norte e Aſia média, cultivada em toda a Europa auſtral; é o αμαρακον de Theophraſto.

——A flor Hiacinthina, na qual ſe liam as lettras α ι, que ſão uma exclamação ſentida pela morte de Hiacintho, ou as duas primeiras do nome de Ajax; ſuppõe-ſe ſer o *Gladiolus ſegetum* Gawl., muito vulgar entre nós.

——O jaſmin deve ſer o *Jaſminum fruticaus* L., eſpontaneo em Portugal.

Em reſumo, das vinte e quatro plantas de que, na deſcripção de Camões, ſe compõe a flora da ilha, não ha *uma* que não ſeja eſpontanea em Portugal e regiões viſinhas, ou ahi introduzida e cultivada já antes do ſeu tempo. Ainda mais, ſão todas eſcolhidas entre as vulgares, e que dão o cunho á vegetação mediterranica. As citações de nomes gregos, que expreſſamente procurei, não ſó nos livros botanicos, mas nos poetas e entre eſtes nos mais antigos, põe em evidencia o typo claſſico d'eſta Flora[1].

---

[1] Cf.—A. De Candolle, *Géographie Botanique*, 810 e ſeguintes.—Griſebach, *La végétation du globe*, I, 339 e ſeguintes.—Galleſio, *Traité du Citrus*.—Wimmer, *Theophraſti opera* in indice, 1866.—Sprengel, Comment. in *Dioſcorid.* II, 339 et ſeq.—Plinio, *Hiſtoria Nat.* ed. Littré.—Fraas, *Synopſis Plantarum Florae Claſſicae*.—Fée, *Flore de Théocrite*.—Miquel, *Homeriſche Flora*.

O quadro é completo e perfeito. Eſtamos na região do mar interior, que inclue no extremo occidental Portugal e a Heſpanha, abraça a Italia, envolve a Grecia, e as coſtas da Syria e vem de novo fechar ao occidente na Africa do norte. Eſtamos no berço das civiliſações; na patria dos grandes poetas, de Camões e de Virgilio, de Homero e de Theocrito.

Os materiaes botanicos, com que Camões edifica a vegetação da ſua ilha, ſão eſſencialmente portuguezes; encontrou-os, quando eſtudante, nas hortas das margens do Mondego; obſervou-os, quando deſterrado, nas lezirias do Tejo; porventura lh'os depararam, fóra da patria, os jardins de algum fertil valle dos arredores de Ceuta ou de Tetuão.

Ás recordações da ſua terra natal, junta-ſe porém, como vimos, outro importantiſſimo elemento. A flora da ilha é ainda mais claſſica que luſitanica. Procede mais da leitura dos poetas que da obſervação da natureza. É certo meſmo que Camões não identificava algumas das ſuas plantas, com as eſpecies reaes, nem ſabia ſe habitavam no ſeu paiz; citava-as como pura reminiſcencia das ſuas vaſtas leituras.

Eſta feição claſſica e mythologica conhece-ſe nas plantas citadas, e ainda mais no modo de as citar. Falla-nos Camões dos alemos de Alcides, como Theocrito:

> Κρατὶ δ'ἔχων λευκὰν Ηρακλέος ἱερὸν ἔρνος
>
> Εἰδ. II, 121.

e depois Virgilio:

> ....., *Herculeaeque arbos umbroſa coronae*
>
> Georg. II.

Grupa eſſes alemos com o loureiro de Apollo e a murta de Venus, ainda como Virgilio:

Populus Alcidae gratiſſima, vitis Iaccho,
Formoſae myrtus Veneri, ſua laurea Phaebo.
Ecl. VII.

Os pinheiros e os cypreſtes, de que trata, ſão os da fabula:

..... hirſutaque vertice pinus
Grata Deum matri, ſiquidem Cybeleius Atys
Exuit ac hominem, truncoque induruit illo,
Affuit huic turbae metas imitata Cupreſſus,
Nunc arbor, puer anté Deo dilectus ab illo,
Qui citharam nervis, et nervis temperat arcum.
Ovid. Metam. X.

Os fructos, da côr dos cabellos de Daphne, lembram os pomos doirados que fizeram perder a Atalanta o premio da carreira:

Tum canit Heſperidum miratam mala puellam:
Virg. Egl. VI.

As amoras, ſão as que tingiu o ſangue dos dois amantes:

..... madefactaque ſanguine radix
Purpureo tinxit pendentia mora colore.
Ovid. Metam. IV.

As proprias aſſociações de plantas, ſão claſſicas. A vide que deſcanſa entre os braços do ulmeiro, ſe lembra uma freſca ſebe de Portugal, lembra tambem os verſos de Virgilio:

..... Ulmiſque adjungere vites
Conveniat: .....
Georg. I.

Sob eſſes claſſicos arvoredos, encontramos flores não menos claſſicas: o amante de Echo:

Nusquam corpus erat croceum pro corpore florem
Inveniunt foliis medium cingentibus albis.
Ovid. Met. III.

o filho dos inceſtuoſos amores de Mirrha, o dilecto de Venus, convertido em flor, tinta no ſangue que derramara o javali:

..... *cum flos de ſanguine concolor ortus.*
Ovid. Met. X.

as famoſas lettras Hiacinthinas de dupla ſignificação:

Littera communiis mediis pueroque, viroque
Inſcripta eſt foliis: haec nominis, illa querelae.
Ovid. Met. XIII.

ou ainda a viola, da pallida côr dos amantes:

Nec tinctus viola pallor amantium,
Horat. III, od. 10.

Sem mais proſeguir em conhecidas citações, vê-ſe que eſtamos n'um paiz claſſico, onde, como compete a uma ilha de Venus, ſe conſervam vivas as recordações de Hercules e de Apollo, de Adonis e de Narciſſo, de Atys e de Hiacintho.

O Poeta por um gracioſo efforço de imaginação, toma uma ilha mythologica, com todos os ſeus caracteres, e tranſporta a das temperadas regiões do Mediterraneo, —da patria da velha poeſia,—para os mares do Oriente. Falſeia premeditadamente todas as regras da geographia botanica, e colloca ſob o ſol ardente dos tropicos flores que ahi murchariam em horas. Logo veremos, ſe comette erros d'eſta ordem quando falla das plantas reaes.

Querer encontrar na deſcripção de Camões os traços

da vegetação de Zanzibar, é fechar os olhos á evidencia. Querer localiſar a ilha em Santa Helena ou Anchediva é ameſquinhar a ficção. A ſua verdadeira ſituação geographica é na phantaſia do poeta: e não eſtá mal collocada.

Reſta a queſtão da *côr local*. Eu por mim ſó direi, que a ficção de Camões, por inveroſimil que ſeja, me apraz mais que a pintura de alguma ilha ſemi-real, em que uma Thetis de côr baça paſſeaſſe ſob os palmares, ou á ſombra das bananeiras.

III

FLORA TROPICAL

É eſta — ſob o noſſo ponto de viſta — a parte mais intereſſante do poema, e requer ſer tratada de modo um pouco diverſo do que ſeguimos nas precedentes ſecções.

De feito, pareceu-me util, não ſó identificar com as eſpecies hoje deſcriptas, e ſcientificamente conhecidas, todas as plantas, ou productos vegetaes nomeados por Camões, como dar uma breve noticia dos conhecimentos, obtidos de cada um antes do ſeu tempo, ou correntes entre os ſeus contemporaneos. Só aſſim ſe poderá julgar do rigor e extenſão das ſuas noções; avaliando ao meſmo tempo, qual fôra a influencia das viagens portuguezas ſobre o progreſſo das ſciencias naturaes. Para grupar eſſas noticias com clareza, foi neceſſario dedicar a cada planta um paragrapho eſpecial.

Heſitei a principio na ordem a adoptar, e como todas me pareceſſem arbitrarias, decidi ſeguir paſſo a paſſo as eſtancias do canto x, onde ſe encontram grupadas, quaſi

todas as paſſagens, botanicamente intereſſantes, do poema; voltando occaſionalmente e a propoſito de productos ſimilares, ou regiões viſinhas a algumas menções, diſperſas pelos cantos precedentes.

Eſta ſecção tem pois o caracter de notas botanicas ao referido canto.

Alli Cafres ſelvagens poderão
O que deſtros imigos não puderam;
E rudos páos toſtados ſós farão
O que arcos e pelouros não fizeram.
x, 38.

Todos ſabem, que os paus aguçados e endurecidos ao fogo, ſão uma das mais primitivas armas de que uſaram e ainda uſam as populações ſelvagens. E eſte rude armamento dos africanos, de que Barros faz tambem menção, a propoſito do meſmo deſgraçado ſucceſſo na aguada do Saldanha, lembra-nos a paſſagem em que Herodoto, vinte ſeculos antes, deſcrevia egualmente os africanos, que formavam um dos contingentes do coloſſal exercito de Xerxes, como armados de lanças de madeira, aguçadas e toſtadas [1].

A propoſito d'eſta mui remota referencia a productos vegetaes da Africa, unica que ſe encontra no canto x, gruparei o pouco que ſe diz nos outros cantos.

A região occidental da Africa é paſſada quaſi em ſilencio. Uma menção do arvoredo da Madeira, e uma breve indicação da eſterilidade do Sahara, é tudo quanto nos depara o poema. E não admira; porque tanto Camões, como o ſeu heroe Vaſco da Gama, por ali ha-

---

[1] Cf.—Barros, II *Decada*, III, 9.— Herodoto, VII, 71.

viam tranſitado rapidamente. De mais, as riquezas do Oriente faziam eſquecer os ricos productos vegetaes da Guiné e do Congo, e o oiro da Mina que tão celebrado fôra no ſeculo xv, em quanto se não dobrou o cabo de Boa Eſperança, e ſe não attingiu a deſejada meta dos descobrimentos.

Sobre a coſta oriental temos algumas indicações.

As embarcações eram, na maneira
Mui veloces, eſtreitas, e compridas;
As velas com que vem eram de eſteira,
D'humas folhas de palma bem tecidas:
I, 46.

Quaſi todos os noſſos eſcriptores fallam d'eſtas velas de palma. Barros diz, que os companheiros de Vaſco da Gama viram entrar no rio dos Bons ſignaes «huns bar-«cos com vela de palma», e depois falla dos zambucos de Moçambique, que vinham a remos e com as meſmas velas. Gaſpar Correia tambem conta que o zambuco, tomado por Vasco da Gama antes de chegar a Moçambique, «levava vela d'eſteiras.» Os barcos de Zinzibar, ſão deſcriptos por Duarte Barboſa, como ſendo pequenos, ſem coberta, e de um ſó maſtro; acreſcentando: «ha madeira d'eles he lyada é coſida, com tamiſa que «chamaom cairo, has velas ſaom deſteiras de palma.»

Parece que a ſua feição tem mudado pouco até aos noſſos dias, pois o capitão Sulivan deſcrevia, no anno de 1873, quaſi pelas meſmas palavras os barcos chamados *matapas: «their ſail is as primitive as their hull, confiſting of a ſquare ſtraw mat.*

A materia empregada n'eſte groſſeiro tecido, devia ſer a folha grande e flabelliforme de uma eſpecie de *Bo-*

raſſus, que ſe encontra n'aquellas regiões, e que nomeadamente o ſr. Peters obſervou entre Quilimane e as montanhas de Lupata, onde é conhecida dos naturaes pelo nome de *Madicoa.* Não eſtá, que eu ſaiba, bem averiguado ſe é a eſpecie *B. flabelliformis* L., que habita na India, ſe a *B. Aethiopum* Mart., natural da coſta occidental e centro da Africa, ſendo porém mais provavel que ſeja a ultima. Das folhas de uma e outra d'eſſas eſpecies ſe tecem habitualmente eſteiras, e outros groſſeiros artefactos, nas regiões citadas [1].

[1] Cf.—Barros. I *Decada,* IV, 3.—Gaspar Correia, *Lendas,* I, 34.—Duarte Barboſa, *Livro* na *Collecção de noticias para a Hiſt. e Geogr. das Nações Ultramarinas,* t. II, 254, ed. de 1867.—Sulivan, *Dhow chaſing in Zanzibar waters,* 103.—Peters, *Reiſe nach Moſſambique. Botanik,* II, 508.

E com panno delgado, que ſe tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul ſe tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.
V, 76.

De pannos de algodão vinham veſtidos,
De varias cores, brancos, e liſtrados;
I, 47.

Eſtes tecidos de algodão, tanto os de Moçambique, como os do rio dos Bons ſignaes, podiam ſer de origem indiana, como de certo eram as ſedas e outras fazendas ricas de que falla Barros, que n'eſta parte é ſeguido mui de perto pelo noſſo poeta; pois os mercadores arabes corriam então todo o mar das Indias, e toda a coſta

africana até ao cabo das Correntes. Mas podiam tambem ſer de fabricação local. Na Africa oriental exiſtem eſpontaneas ou ſubeſpontaneas diverſas eſpecies de algodoeiros, por exemplo, o *Goſſipium puberulum* Klotzſch e o *G. herbaceum* L.; e os negros conheciam deſde tempos muito remotos, a arte de tecer o algodão, e a arte de o tingir com o azul de diversas *Indigoferas*, e particularmente da *I. tinctoria* L. Eſta leguminoſa cultiva-ſe por toda a Africa tropical e central, e os pannos azues do Sudan ſão affamados. No entanto Duarte Barboſa,—que é ſempre baſtante exacto,—diz mui expreſſamente que os habitantes da coſta oriental ignoravam então a arte de tingir, e conta miudamente como deſſiavam os pannos azues para, miſturando o fio com o ſeu algodão branco, tecerem pannos pintados; indicando tambem que os pannos azues vinham de Cambaya. Eſta ultima informação é exacta, porque o anil, o algodão, e os pannos azues de Cambaya tinham de feito grande reputação no Oriente, já dois ou tres ſeculos antes das viagens portuguezas. Ou os pannos foſſem importados da India, ou fabricados na coſta africana, o certo é que eram geralmente uſados, e que a aſſerção de Camões é exactiſſima. Em quanto aos pannos azues, mencionados na eſtancia 76, veja-ſe eſpecialmente o que diz Duarte Barboſa a propoſito de Moçambique [1].

[1] Cf.—Barros, I *Decada*, IV, 3.—Duarte Barboſa, *Noticias* II, 248 e 251.—Yule *The book of Ser Marco Polo*, II, 333, ed. de 1871.

Aqui de limos, caſcas, e d'oſtrinhos,
Nojoſa criação das aguas fundas,
Alimpamos as náos.....

V, 79.

Eſta indicação ſobre um facto conhecidiſſimo, que ainda hoje ſe dá, e que então em longas e lentas viagens, e com coſtados de navios mal apparelhados ſe devia dar mais fortemente, diz reſpeito ao oceano em geral, e não á coſta africana, ou qualquer outra. Cito-a porém n'eſte logar, porque n'aquella coſta ſe limparam e repararam as naus, como é bem ſabido. É eſta, com outra de indole mythologica, as unicas menções das *Algas* marinas, e em geral de plantas inferiores, que ſe encontram no Poema.

Outro de arco encurvado, e ſetta hervada,
I, 86.

É bem conhecido o uſo, muito geral entre os povos ſelvagens, de envenenar as armas. São, quaſi excluſivamente, ſubſtancias vegetaes, que nas diverſas regiões ſervem para eſte fim, e d'ahi veiu que os noſſos antigos eſcriptores chamaram eſſas armas, *hervadas*. Camões faz a eſte uſo uma gracioſa alluſão, onde diz que as feridas do amor ſão particularmente perigoſas:

....., quando as ſettas
Acertam de levar hervas ſecretas.
IX, 33.

No verſo acima citado, refere-ſe porém a uma pratica real das regiões orientaes da Africa. A ſubſtancia hoje ali empregada—provavelmente a meſma já uſada no XV ſeculo—é o *Kombi,* preparado com as ſementes de uma Apocynacea, do genero *Strophanthus,* talvez o *Strophanthus Peterſianus* Klotzſch, eſpontaneo na Zambezia. O

principio activo, e muito energico do *Kombi,* reſide em um alcaloide eſpecial, a *ſtrophanthina* [1].

[1] Cf.- Livingſtone. *The Zambeſi,* 466.—Peters. *Reiſe nach Moſſambique,* I, 276.—Wittſtein, *The organic conſtituents of plants,* 208, tranſl. of F. von Müeller.

Opulenta Malaca nomeada!
As ſettas venenoſas que fizeſ-te,
Os criſes com que já te vejo armada,
X, 44.

Os malayos ſervem-ſe, para *hervar* as ſuas armas, de dois poderoſos venenos, o *upas antiar*, e o *upas tieuté,* ſeparados ou miſturados. O *upas antiar* é feito com o ſucco de uma grande arvore, a *Antiarias toxicaria* Leſch., natural de Java. Contaram-ſe de ſuas propriedades toxicas curioſas hiſtorias, dizendo-ſe que matava a diſtancia, não ſó os homens e os animaes, como a vegetação. Ha n'iſto muita exageração, mas a arvore parece no entanto ſer uma das mais venenoſas plantas exiſtentes. O principio activo do veneno, é um alcaloide particular, a *antiarina.* O *upas tieuté,* talvez ainda mais energico, obtem-ſe de uma trepadeira, tambem de Java, o *Strychnos Tieuté* Leſch.: os ſeus principios activos ſão os conhecidos alcaloides *brucina* e *ſtrychnina* [1].

Como ſe vê, é perfeitamente exacta a noticia dada por Camões, de que os malayos uſavam ſettas e criſes envenenados.

[1] Cf.—Guibourt. *Hiſtoire naturelle des drogues ſimples,* II, 568, ed. de 1876.—Wittſtein. *Organic conſtituents,* 15 e 209.

..... co'a canella
Com que Ceilão he rica, illuſtre, e bella
IX, 14.

A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antiguo tão famoſa,
Quanto agora ſoberba e ſoberana,
Pela cortiça calida, cheiroſa;
X, 51.

A canella é a caíca do *Cinnamomum Zeylanicum* Breyne, arvore da familia das Lauraceas, indigena da ilha de Ceylão; uma qualidade mais ordinaria, é produzida por diverſas eſpecies do meſmo genero, que habitam na India, China, e outras partes do Oriente.

Pelos nomes de *cinnamomo* e de *caſſia,* ambos de origem ſemitica, foi eſta, ou mui ſemelhante eſpeciaria, conhecida deſde tempos muito remotos. Vem mencionada nos livros dos Reis, dos Proverbios e de Ezekiel, e a ella fazem eſpecial referencia Theophraſto, Dioſcorides e Plinio, entre outros antigos eſcriptores. Sob o nome de *Kwei,* ſe encontra citada nos mais velhos tratados de botanica dos chins, um dos quaes parece remontar a 2700 annos antes de Chriſto.

Corriam entre os gregos as mais eſtranhas verſões ſobre ſua procedencia e colheita, ſuppondo uns que era defendida por ſerpentes venenoſas, como refere Theophraſto; e outros que era encontrada nos ninhos de paſſaros, que a traziam das regiões aonde Baccho ſôra creado, como conta Herodoto.

Em geral julgava-ſe originaria da India, ou da Arabia; convindo notar que os antigos ſuppozeram, não ſó eſta, como muitas outras ſubſtancias orientaes, originarias da Arabia, pelo ſimples facto de as receberem pela via do mar Vermelho. Embora em época recente o eru-

dito Cooley admittiſſe a antiga exiſtencia do *Cinnamomum* na Africa, na *regio cinnamomifera,* para os lados do cabo dos Aromas—o moderno Guardafui—tal exiſtencia parece pouco provavel. A verdade é, como já notára Garcia de Orta, que os povos da China, India e Arabia tiveram relações commerciaes mais antigas e activas do que muito tempo ſe julgou, ſendo a *canella* que concorria aos mercados do Egypto e outros proveniente das terras orientaes, onde ainda hoje ſe encontra. Parece porém reſultar das minucioſas inveſtigações a que procedeu Tennent, que os antigos não conheceram a canella de Ceylão, Taprobana ou Serendib,—que por eſtes e outros nomes foi a famoſa ilha conhecida;—e unicamente alguma qualidade inferior da India ou da China[1].

Referencias á canella de Ceylão ſó ſe encontram em eſcriptores relativamente modernos.

A primeira, ſegundo o erudito coronel Yule, pelo anno de 1275, nos eſcriptos do arabe Kazwini; e pouco depois ſe encontra outra menção em uma carta de Fr. João de Monte Corvino, acompanhada de uma ſoffrivel deſcripção da planta. No ſeculo ſeguinte o celebrado e incanſavel viajante Ibn Batuta viſitou a ilha de Ceylão, e diz que os troncos da arvore da canella eram tão abundantes, que andavam a montes pelas praias e margens dos ribeiros. E alguns annos antes da viagem de Vaſco da Gama a menciona o mercador veneziano Nicolo Conti, que tambem eſteve na famoſa ilha[2].

---

[1] Cf.—Herodoto, III, 111.—Theophraſto, *Hiſt. plant.*, IX, 5, p. 145, ed. Wimmer.—Dioſcorides, *Materia medica,* I, 12 e 13, I, p. 23 e 25. ed. Sprengel.—Plinio, *Hiſt. nat.*, XII, 41, I, p. 488.—Flückiger and Hanbury, *Pharmacographia,* 467.—Sir J. Emerſon Tennent, *Ceylon,* I, 600.

[2] Cf.—Yule, *Marco Polo,* II, 255.—Yule, *Cathay and the way thither,* 213.—*Viagens extenſas & de Ben Batuta,* verſão de Fr. Joſé

Com quanto as deſcripções da arvore, dadas por Monte Corvino e Conti, ſejam baſtante exactas, as noções ſobre a origem da droga continuaram a ſer obſcuras e imperfeitas até ás viagens dos portuguezes. Quando porém eſtes chegaram á India, e ſobretudo quando alguns annos depois ſe apoderaram de Ceylão, começaram a obter mais completa informação da canella, ſua procedencia e qualidades. Duarte Barboſa não ſó dá noticia certa da arvore, que diz ſer ſemelhante ao louro, como deſcreve o modo de colher a caſca, e diſtingue a boa canella de Ceylão de qualidade mais ordinaria do Malabar. Seria digno de citar-ſe todo o capitulo em que Garcia de Orta trata da canella; tanta é a copia de noticias novas, e pela maior parte exactas, que nos fornece. Deſcreve a arvore minucioſamente, e o modo por que ſe colhe a parte aproveitavel da casca[1]; indica a procedencia das diverſas qualidades de maior e menor valia; e falla do caminho ſeguido pelo commercio antes das noſſas viagens, dando conta da navegação dos juncos chins até Ormuz. Deſſazendo com boa critica e notavel deſaſſombro os erros dos auctores claſſicos, exclama — com orgulho bem fundado no ſeu tempo — «que ſe ſabe mais em um «dia agora pelos Portuguezes, do que ſe ſabia em cem «annos pelos romanos.»

---

de Santo Antonio Moura, II, 300. Não tive á minha diſpoſição a verſão de Defrémery, que é mais exacta; cito eſta e ás vezes os eſtractos de Yule.—*Travels of Nicolo Conti*, 7, na *India in the fifteenth century* de Major. Hak. ſociety.

[1] Na deſcripção do proceſſo de deſcaſcar é Garcia de Orta, como antes havia ſido Duarte Barboſa, mais exacto que Gaſpar Correia, o qual (*Lendas da India*, I, 652) ſuppõe erradamente que a caſca ſe tira do ramo ainda preſo á arvore, e nos annos ſeguintes ſe reproduz, como a cortiça. Camões lhe chama cortiça em uma das paſſagens citadas, porém eſta palavra tem ahi ſimpleſmente a ſignificação geral de caſca, e não prova que elle ſeguiſſe eſta falſa opinião.

Taes eram as noções que corriam entre os contemporaneos e compatriotas de Camões, e que elle de certo poſſuia. A *caſſia* ou *canella* do Malabar e da China era pouco procurada, e Ceylão o principal productor da valioſa eſpeciaria: a *madre da canella,* lhe chama João de Barros. É pois d'eſta e ſó d'eſta mais fina caſca, que naturalmente falla o noſſo Poeta.

Referir agora a ſubida eſtimação em que foi tida nos tempos antigos e edade média, quando pequenas porções chegavam á Europa pela via do Mediterraneo; e o valor que conſervou quando o commercio portuguez começou a generaliſar o ſeu uſo, ſairia completamente do noſſo plano. As proprias palavras do Poeta, celebrando nas duas citadas paſſagens a famoſa ilha, e celebrando-a unicamente por dar eſte producto, nos moſtram quanto era preſada [1].

Um contemporaneo de Camões, arreceando-ſe — com o ſeu habitual bom ſenſo — dos perigos, que á patria fazia correr a febre de lucro e riquezas orientaes, que ſe apoſſára dos portuguezes, dizia:

Não me temo de Caſtella
Onde guerra inda não ſoa,
Mas temo-me de Liſboa,
Que ao cheiro d'eſta canella
O reino nos deſpovoa.

[1] Cf.—Garcia de Orta, *Colloquios,* 560, ed. de 1872.—Duarte Barboſa, *Noticias,* II, 350 e 383—Barros, III *Decada,* II, I.

Olha Dofar inſigne, porque manda
O mais cheiroſo inſenſo para as aras:
X, 101.

O incenſo é produzido por diverſas eſpecies do genero *Boſwellia*, da familia das Burſeraceas, em parte ainda mal deſcriptas, e que habitam na Arabia e na fronteira margem africana, proximo ao cabo de Guardafui.

Foi eſte perfume muito celebrado pelos antigos, e do ſeu valor temos uma prova no famoſo e bem conhecido preſente dos reis Magos. Era um dos principaes objectos do trafico que os phenicios faziam com a Arabia, e o ſeu nome de λίβανος, e *olibanum* vem do arabe *luban*, e do hebraico *lebonah*, que ſignifica leite, e ſe refere ao aspecto da reſina, em quanto freſca. O nome *thus* pode vir talvez do verbo θυειν, ſacrificar.

Quaſi todos os auctores gregos, como Herodoto, Plutarcho, Arriano, Strabão, o mencionam, ſendo notavelmente completa a noticia que dá Theophraſto. Uma paſſagem em que Diodoro de Sicilia[1], fallando da terra dos Sabêos, e da abundancia de incenſo que ali havia, diz que os navegadores ſe dirigiam pelo cheiro que da terra ſaía, lembra o verſo em que Camões falla de,

> As coſtas odoriferas Sabéas,
> IV, 63.

E quando o noſſo poeta menciona a Arabia pelo nome de Panchaia:

> Os cheiros excellentes produzidos
> Na Panchaia odorifera queimava
> II, 12.

---

[1] Cf.—Oliver, *Flora of tropical Africa*, I, 324.—Birdwood, *Tranſ. of the Lin. ſoc.*, XXVII, 111.—Flückiger and Hanbury, *Pharmac.*, 120. —Theophraſto, *Hiſt. pl.*, IX, 4, p. 143.—Sprengel, Comment. in *Dioſcorid.*, II, 376.

tem uma reminiſcencia claſſica, pois que eſte nome de Panchaia foi muito uſado pelos latinos, para deſignar aquella região:

Totaque thuriferis Panchaia pinguis arenis.
Virg. Georg., II.

Em quanto a Dofar, é nome que ſe conſerva n'uma planicie *Dhafar*, hoje deſerta. Foi antigamente cidade notavel, e tem-ſe querido identificar com o *Sephar* do Geneſis, ou com o *Sapphara* de Ptolomeu. É certo que teve ſempre reputação o incenſo que por aquelle porto ſe exportava, e já Marco Polo no XIII ſeculo menciona o bom incenſo branco ali produzido. Thomé Pires cita o «emcemço de *Tufar*», que é evidentemente a meſma localidade, e Barros o de Dofar, a que chama cidade; é porém provavel que já eſtiveſſe muito decaída da ſua importancia commercial, porque Duarte Barboſa, ſempre muito exacto, lhe chama ſimpleſmente—um logar de mouros [1]. De tudo iſto ſe vê quanto a noticia de Camões, no que reſpeita á procedencia do incenſo, é correcta.

[1] Cf.—Yule, *Marco Polo,* II, 380.—Carta de Thomé Pires, *Jorn. da Soc. Pharm.,* II, 38.—Barros, I *Decada,* XI, I.—Duarte Barboſa, *Noticias,* II, 265.—Garcia de Orta. *Colloquios,* 213, v.

Diz Camões, fallando de S. Thomé:

Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes ſaude, a mortos vida,
A caſo traz um dia o mar vagando
Um lenho de grandeza deſmedida:

Deſeja o Rei, que andava edificando,
Fazer d'elle madeira, e não duvida
Poder tira-lo a terra com poſſantes
Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.

Era tão grande o pezo do madeiro
Que ſó para abalar-ſe nada abaſta;
Mas o nuncio de Chriſto verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gaſta:
Ata o cordão que traz por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva, e arraſta
Para onde faça um ſumptuoſo templo,
Que ficaſſe aos futuros por exemplo.

x, 110 e 111.

É impoſſivel identificar eſte grande madeiro, com uma eſpecie determinada, pois pertence excluſivamente ao dominio da lenda[1]. Como porém ſe trata de uma producção vegetal, parece-me neceſſario dizer alguma coiſa ſobre a tradição, que ſerviu de baſe a Camões.

A verſão que eſte adopta tanto ſobre o caſo do madeiro, como ſobre a reſurreição do filho do Brahmene,

[1] Como era de ſuppor, deu-ſe o nome de S. Thomé a algumas plantas da India. De uma, celebrada pelas ſuas propriedades medicinaes, dá noticia Chriſtovão da Coſta (*Exotic.*, 264), dizendo que os Brahmenes a chamavam *macre*, os portuguezes *arvore ſancta*, e os chriſtãos indigenas *arvore de S. Thomé*. D'eſta planta falla de paſſagem Rumphius (*Herb. Amb.*, II, 16). Parece que a ſua caſca era o *macer* dos eſcriptores gregos e romanos; não creio porém que modernamente ſe tenha reconhecido exactamente que planta foſſe (Juſſieu, *Dicc. des Sc. naturelles,* XXVII, 484). A outra é a *flor de S. Thomé* deſcripta e figurada por Sonnerat. (*Voy. aux Indes*, II, 228) ſob o nome de *Cadamba jaſminiflora*, e hoje incluida no genero *Guettarda* das Rubiaceas. A terceira é a *Bauhinia variegata* L., chamada *arvore de S. Thomé*, por ſe julgar que as ſuas flores haviam ſido tintas no ſeu ſangue (*Dicc. des Sc. nat.*, II, 451). Nenhuma d'eſtas ſe pode no entanto identificar com a arvore da lenda.

e circumſtancias da morte do Santo, relatadas nas eſtancias 112 a 117, concorda com a de Barros; mas não exactamente, com a que corria na India. O Poeta e o erudito e culto hiſtoriador, omittiram algumas circumſtancias, que lhes pareceram menos litterarias, ou orthodoxas.

Gaſpar Correia dá conta da devaſſa feita na coſta de Coromandel, por Miguel Ferreira, ſendo governador Nuno da Cunha, no anno de 1531; e a ſua expoſição concorda, ſalvo em pequenas differenças que pouco importam ao noſſo exame, com a de Duarte Barboſa. Eſtes dois eſcriptores, mais ſingelos, deram-nos uma relação mais fiel das crenças populares, em que ſe envolvem algumas circumſtancias curioſas. O milagre feito com o madeiro é contado quaſi do meſmo modo; mas dizem-nos a mais que a ſua ferradura ſe convertia em dinheiro, com que S. Thomé pagava aos operarios; e dão da morte do Santo, perfeitamente natural na narrativa de Barros e de Camões, uma nova verſão. Segundo as tradições recolhidas na India, S. Thomé fôra morto caſualmente por uns caçadores, quando orava entre pavões, ou eſtando elle meſmo na figura de um pavão, que muitas vezes tomava.

A tradição é antiga, como vamos ver. Pelos annos de 1348 ou 1349, viſitou a coſta de Coromandel um frade minorita, Fr. João de Florença, da familia Marignolli, que fôra enviado como legado do papa ao Gran Khan. Conta a hiſtoria da arvore, dizendo que havia ſido cortada em Ceylão pelo ſanto, e da ſua ferradura haviam naſcido outras arvores *et de pulvere ſecaturae ſeminatae ſunt arbores;* depois—na ſua verſão—o madeiro voga, milagroſamente encaminhado, até á coſta da India. Ahi S. Thomé vem á praia, montado n'um burro, com um manto de pennas de pavão, acompanhado por dois grandes leões, e arraſta o lenho para terra. Finalmente o ſanto é atra-

veſſado por uma frecha, quando orava entre pavões. Já meio ſeculo antes, Marco Polo referira as circumſtancias da morte exactamente do mesmo modo.

Se conſiderarmos a parte da lenda, que nos moſtra S. Thomaz, como architecto occupado na conſtrucção de palacios e de templos, ainda achamos mais antiga origem. Nos actos apocriphos dos apoſtolos, attribuidos a Abdias, biſpo de Babylonia, ſe conta que o ſanto fôra para a India, comprado a Jeſus Chriſto por um certo rei Gundaphorus,—talvez o Gundophares das moedas indo-ſcythicas,—o qual, querendo edificar um palacio, mandara procurar no occidente um eſcravo, perito em architectura. Naturalmente o apoſtolo occupa-ſe mais da erecção dos templos do eſpirito e da fé, que da edificação do palacio e acaba por converter o rei.

No officio ſyriaço dos Jacobitas da feſta de S. Thomaz, citado por Aſſemani, encontram-ſe traços que concordam com eſta lenda de Abdias.

Sem nos occuparmos agora de ſaber ſe a religião chriſtã ſe extendera á India, logo no primeiro ſeculo da egreja—o que é poſſivel,—ou ſó alguns ſeculos depois, e na fórma neſtoriana—de que exiſtem numeroſas provas;—o certo é que na lenda ha um fundo de grande antiguidade.

Sobre eſte trama ſimples, e evidentemente de origem chriſtã, ſe teceram depois no Oriente circumſtancias, que pertencem á mythologia indiana. Aſſim os *pavões,* são no mytho vedico, como nos diz o profeſſor Gubernatis, a repreſentação do *ceo,* provavelmente por cauſa do azul brilhante da ſua plumagem. A tranſformação do ſanto em pavão, e a perſiſtente intervenção d'eſta ave na ſua lenda, circumſtancia que a principio parecia pueril, toma uma feição plauſivel e poetica, ſe admittirmos, que repreſenta a elevação do ſeu eſpirito aos eſpaços ideaes e celeſtes, em quanto orava.

Do mefmo modo o madeiro milagrofo, tão rico e creador, que a fua ferradura fe volvia em oiro, ou gerava outras arvores, lembra-nos a arvore de Buddha, ou a *kalpadruma,* arvore effencialmente cofmogonica. Um traço da verfão de Marignolli, que dá Ceylão, como a terra d'onde procedia o madeiro, indica-nos outra ramificação da lenda. Ceylão, na opinião de muitos e do proprio Marignolli, fôra o local do parayfo. Eftamos pois em prefença da arvore do parayfo, ou de Adão, fobre a qual tantas verfões correram, cuja lenda fe liga á da *arvore fecca* da edade média, e á do lenho fanto de que depois fe fez a cruz. Em um antigo conto cyclico francez, do monge Andrius, fe encontram circumftancias notavelmente femelhantes ás da lenda de S. Thomaz. Ahi Salomão manda cortar as tres varas de Moyfés, para as empregar na conftrucção do feu templo; effas varas achamfe unidas em uma fó e grande arvore, que crefce e decrefce maravilhofamente de modo a não poder fer aproveitada. Depois da morte de Salomão, um certo Orifeus, quer tiral-a do templo, onde ficara em depofito. Vae lá com muita gente, mas não a pode mover. «*Lors i ala li preftres meifme à tout merveilheufe force de gent, mais onques ne le porent remuer.*» Fica affim intacta, até que, no tempo da paixão, Cayphaz manda fazer a Cruz de uma parte do tronco. É o mefmo fundo poetico, moftrando-nos o lenho, deftinado a entrar em conftrucções celeftes, e que fe não pode empregar nos edificios reaes.

É certo que, no tempo de Camões, a interpretação poetica da lenda era abfolutamente defconhecida, e por iffo elle fe contenta com dar a mais fimples verfão, e fe cinge na parte relativa á morte do Santo, á narrativa fobria, e exempta de maravilhofo, do martyrologio chriftão [1].

[1] Cf.—Barros, III *Decada,* VI, 9.—Gafpar Correia, *Lendas,* III, 419

a 425.—Duarte Barbosa, *Noticias*, II, 345 e 354.—Extractos do *Chronicon Boëmorum* de Marignolli em Yule, *Cathay*, 312 e seguintes.—Sobre a lenda do *arbre sec*, Yule, *Marco Polo*, I, 120.—Gubernatis, *La mythologie des plantes*, verba: *Arbre d'Adam, arbre de Buddha* et *plantes miraculeuses*.—Huc, *Le christianisme en Chine*, I, 4.

Leva pimenta ardente, que comprara:
IX, 14.

Tenassarí, Quedá, que he só cabeça
Das que pimenta alli tem produzido.
X, 123.

A pimenta é o fructo do *Piper nigrum* L., arbusto trepador, indigena do Malabar, cuja cultura se extende bastante pelas regiões orientaes. A pimenta longa é o fructo do *Piper officinarum* C. DC. (*Chavica officinarum* Miquel), indigena do archipelago malayo.

Sob as designações πέπερι e *piper*, derivadas do nome sanskrito da pimenta longa, *pippali*, a conheceram os antigos: Theophrasto já dá relação de duas especies, e Dioscorides diz que vinha da India; mas as descripções d'estes e outros escriptores gregos ou romanos são incompletas, e vê-se que tinham escassa noticia da droga, e nenhum conhecimento da planta. Plinio particularmente accumula as mais singulares inexactidões a respeito d'este vegetal. A primeira descripção da planta, aproximada á verdade, encontra-se na *Topographia Christiana* do monge Cosmas Indicopleustes, o qual, pelos meiados do VI seculo, parece ter visitado a India, a uma parte da qual—o Malabar—chama o *paiz da pimenta*. Depois, durante a edade média, abundam as informações, dadas por diversos escriptores: o judeu hespanhol Benjamin de Tudela; o missionario Fr. Odorico,

que viſitou grandes plantações de pimenta no *Minibar*, como elle lhe chama; o geographo arabe Edriſi; o bem conhecido Marco Polo; o viajante Ibn Batuta que, como Coſmas, dá a uma parte da India o nome de paiz da pimenta, *Belad el-Fulful;* e finalmente, não muitos annos antes da expedição de Vaſco da Gama paſſar ao Oriente, o italiano Nicolo Conti[1].

Como ſe vê, diverſos eſcriptores haviam, antes das viagens portuguezas, dado exacta noticia da procedencia botanica e geographica da celebre eſpeciaria. No entanto Garcia de Orta excede muito todos os precedentes, no rigor da deſcripção das diverſas eſpecies, e delimitação das regiões em que ſe creavam.

É bem conhecida a importancia, que a pimenta teve no commercio de Portugal com a India. Foi eſta a eſpeciaria que os noſſos procuraram com mais ardor. Quando na coſta africana deſcobriram uma nova pimenta, o *Piper Cluſii*, logo a mandaram à Flandres, tentando competir com a mercadoria introduzida na Europa pelos italianos. Deſde que paſſaram á India, ficou a verdadeira pimenta ſendo a baſe do ſeu commercio e da ſua riqueza. Em Portugal ſe conſumia uma pequena parte, e o mais d'ella era levado aos mercados de Flandres e outros. A entrada em Antuerpia do primeiro navio portuguez, que conduzia directamente da India as ricas eſpeciarias, foi um notavel ſucceſſo commercial. Rumes e mouros, inſtigados e ajudados pelos venezianos, tentaram em vão reter o commercio nas

[1] Cf.—Theophraſto, *Hiſt. Pl.*, IX, 20, pag. 162.—Dioſcorides, *Mat. Med.*, II, 188, I, p. 298.—Plinio, *Hiſt. nat.*, XII, 14, I, p. 479.—Flück. and Hanbury, *Pharmac.*, 519.—Extractos da *Topographia Chriſtiana*, em Yule, *Cathay*, CLXVII, e na meſma obra *Travels of Friar Odoric*, 75.—Ibn Batuta, *Viagens*, II. 350.—Major, *India*, XLVII, e tambem *Travels of Nicolo Conti*, 17.

ſuas mãos; cederam afinal e o monopolio ficou por longos annos na poſſe dos portuguezes [1].

Se bem a cultura da planta eſtiveſſe muito generaliſada no Oriente no tempo do noſſo dominio, era na região do Malabar que ſe produzia a maior quantidade. Nos portos dos reinos de Cananor, Calecut, Cochim e Coulão, na coſta que corre até ao cabo Comorin carregavam principalmente os noſſos navios. Ahi ſe encontrava a ſerra da Pimenta, o reino da Pimenta, ou de Chempé, e a ilha da Pimenta de que falla Camões, e aonde foi na ſua primeira expedição. É notavel pois que o Poeta, na ſua deſcripção da Aſia, não falle d'eſta pimenta; mas da de Quedá, ſituado além do Ganges, mui longe do Malabar. Que em Quedá havia uma excellente qualidade ſabemos nós, pois Duarte Barboſa diz, fallando d'eſta localidade: «nele naſe muyta e fermoſa pimenta que dele «levauom pera Malaca e China.» Vejamos que eſpecie era. Das duas qualidades de pimenta, produzidas no Oriente, a longa foi ſempre mais prezada do que a negra ou vulgar. No anno de 1340, Pegolotti feitor da caſa commercial dos Bardi de Florença diz, que em Conſtantinopola ſe peſava a longa por um certo modo e entre as eſpeciarias mais finas, e a vulgar entre as eſpeciarias mais groſſeiras. Do *Livro dos peſos* de Antonio Nunes ſe vê tambem que, na época do noſſo dominio, o modo de as peſar em Ormuz era diverſo. Em Cochim, principal mercado d'eſta droga, valia—ſegundo Garcia de Orta—a *pimenta negra uſual* a dois cruzados e meio o quintal, e a *longa* a quinze e vinte cruzados. Ora eſta pimenta longa vinha de Bengala, e de regiões para além do Ganges, iſto é dos lados de Quedá; e era rara em

[1] Cf.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 171.—*Memoria ſobre a malagueta*, 15.

Cochim porque ia *pera outros cabos,* provavelmente para a China, o que concorda com a affirmação de Duarte Barboſa; parece pois que a *fermoſa* pimenta de que falla eſte eſcriptor e depois Camões, ſeria a longa. É bem natural que o noſſo Poeta a conheceſſe na China, para onde ſe dirigia a maior quantidade[1].

D'eſte exame reſulta claramente que as paſſagens dos *Luſiadas* ſão correctiſſimas, e ſe trata na primeira do *Piper nigrum*, e na ſegunda do *Piper officinarum.*

[1] Barros, IV *Decada*, I, 11.—Gaspar Correia, *Lendas,* I.—Couto, X *Decadà,* VI, 15.—Duarte Barboſa, *Noticias*, II, 363.—Yule, *Cathay*, 305, extractos do livro de Pegolotti.—*Livro dos peſos,* por Antonio Nunes nos *Subſidios para a hiſtoria da India portugueza,* por Felner, 8 e 15.—G. de Orta, *Colloquios,* loc. cit.

Bem junto delle um velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a ſeu coſtume eſtava ruminando.
VII, 58.

Refere-ſe aqui Camões á folha do *Piper Betle* L., que é o *betle* dos indianos, o *tembul* dos perſas e arabes, e o *ſirih* dos malayos. É muito antigo o uſo d'eſta folha na India, e vem já mencionado em inſcripções ſanſkritas. O betle miſtura-ſe com cal viva, feita de conchas, a que os malayos chamam *chunam;* e com talhadas do fructo da *Areca catechu* L., o *guváca* ſanſkrito, o *faufel* dos arabes, e o *pinang* dos malayos. Occaſionalmente ſe lhe juntava camphora, como já diz Marco Polo, e ainda outras ſubſtancias aromaticas de que Garcia de Orta dá uma relação completa. Eſta miſtura fórma um maſtica-

torio de que os povos da India e do archipelago uſavam e ainda uſam conſtantemente.

Pode-ſe comparar eſta paſſagem do poema, com a curioſiſſima relação da primeira entrevista de Vaſco da Gama, com o ſoberano Hindu, dada pelo anonymo auctor do *Roteiro da viagem de Vaſco da Gama,* aonde falla da herva chamada *atambor,* que os *homens d'eſta terra comem pela calma.* O nome aqui applicado á planta é uma corrupção do *tembul* arabe; ſendo perfeitamente exacto o reparo feito pelos auctores das notas, de que os noſſos, communicando com os naturaes por intermedio dos mouros, e tendo algum conhecimento da ſua lingua, adoptaram mais vezes os nomes arabes das coiſas que obſervaram, do que as deſignações das linguas indianas [1].

[1] Cf.—Hooker, *Botanical magazine,* t. 3132.—Flück. and Hanbury *Pharmac,* 607.—Yule, *Marco Polo,* II, 311.—Garcia de Orta, *Colloquios,* 37.—*Roteiro da viagem de Vaſco da Gama,* 2.ª edição, por A. Herculano e o barão de Caſtello de Paiva, 57 e 156.

Vês, corre a coſta que Champá ſe chama,
Cuja mata he do páo cheiroſo ornada:
X. 129.

É eſta madeira, ſegundo Roxburgh e Royle, produzida pela *Aquilaria Agallocha* Roxburgh, da familia das Aquilarineas, indigena da Cochinchina e regiões viſinhas. Alguns ſuppoſeram ſer a de uma leguminoſa, *Aloëxylum Agallochum* Loureiro, planta da meſma região e pouco

conhecida. Inferiores qualidades ſão produzidas pela *Aquilaria ſecundaria,* e outras eſpecies[1].

Foi um dos perfumes mais celebrados pelos antigos, e vem mencionado nos livros dos Numeros e dos Pſalmos. Um dos nomes uſados pelos gregos αγαλλοχον, parece derivar-ſe do arabe *agaludſchin*, que ſe prende talvez a um dos nomes ſanſkritos *aguru*, tendo aſſim paſſado das linguas indo-europeas ás ſemiticas, e d'eſtas de novo ás indo-europeas. Em quanto ao outro nome grego αλοη, e ao latino *aloes,* liga-ſe ao arabe *alloüat*, e ás fórmas hebraicas *ahalim* e *ahalot.* Os portuguezes lhe chamavam *madeira de aloes,* ou *linaloes,* por contracção de *lignum aloes; calambac* e *garo,* que ſão os nomes malayos; e *páo de aguila*, por ſemelhança de ſom com um dos nomes arabes. Eſta ultima deſignação, mal entendida, converteu-ſe em *páo de aquila*, *bois d'aigle* e *eagle wood.* De modo que ſe chamou *madeira de aloes,* ſem ter ſemelhança com o verdadeiro *aloes,* e *madeira de aguia* ſem ter relação de eſpecie alguma com as aguias[2].

A madeira—e não a planta—foi bem conhecida na edade média; d'ella fallam Coſmas, Maçudi, Pegolotti, Ibn Batuta e outros. Aos noſſos tambem foi familliar. Duarte Barboſa chama *aguila* a qualidade mais ordinaria, e *lenho aloes verdadeiro* a mais fina, peſada e negra. Garcia de Orta, eſcreve ſobre o *linaloes* um longo capitulo, um tanto confuſo. Dá porém uma deſcripção exacta da madeira e ſuas variedades. Emquanto á planta, declara que a não vira, porque a região onde creſce permanecia

---

[1] Cf.—De Candolle, *Prodromus,* XIV, 601.—Guibourt, *Hiſt. nat. des drogues ſimples*, III, 337.—Loureiro, *Flora Cochinchinenſis*, I, 267.—Rumphius, *Herb. Amboinenſe,* II, 29, ed. de Burmannus.

[2] Sobre os nomes antigos, cf.—Sprengel, Comment, in *Dioſc.*, II, 360.—Rumphius, loc. cit.

inexplorada, e o ſeu acceſſo era mui difficil por cauſa dos tigres. Barros tambem diz de Campá e Cauchii China «o qual acerca de nós é o menos ſabido reino d'aquellas «partes», e o noſſo Poeta lhe chama *Cauchichina de eſcura fama.* Do meſmo conhecimento imperfeito ſe queixa Rumphius um ſeculo mais tarde; e ainda hoje o interior da Indo-China, permanece uma das partes menos conhecidas do globo, reſtando algumas duvidas ſobre a identificação botanica da madeira de Aloes.

A deſignação de Champá applicava-ſe no tempo de Camões a uma região aſſaz vaſta, que abrangia uma boa parte da coſta oriental do golfo de Sião. Duarte Barboſa chama-lhe ilha, o que não admira, pois em ſeu tempo a coſta para além de Malaca eſtava pouco corrida, e muitas vezes os navegadores tomaram por ilhas, porções de continente de que ignoravam as ligações; e diz que ali: «naſe «muyto lenho aloes ha que os Indios chamaom Aguila «Calambua.»

De feito é de Champá, que tem ſempre ſido exportado eſte perfume. No x ſeculo, Maçudi, no ſeu curioſiſſimo livro dos *Prados de oiro*, falla do aloes chamado *ſinſi* produzido nas coſtas do mar de *Sinf.* E do aloes *ſanſi* trata tambem Avicena no *Canon.* Ora eſte mar do *Sinf*, ou *Sanf* dos geographos arabes era o golpho de Sião, e a região do *Sinf* identifica-ſe com Champá. Da meſma região e do meſmo producto fallou tambem na edade média Marco Polo; e a eſtas indicações, anteriores a Camões, podemos accreſcentar as que dá um ſeculo depois Rumphius, o qual affirma, que o verdadeiro e bom *Calambac* ſó ſe produzia na região de Tſjampáa. Vê-ſe pois quanto é exacta a noticia dada pelo Poeta [1].

[1] Cf.—Duarte Barboſa, *Noticias,* II, 373.—Barros, I *Década,* IX, I.—Garcia de Orta, *Colloquios,* 118.—Yule, *Cathay,* 95 e *Marco Polo,* II, 212.—Maçudi, *Les prairies d'or,* tr. de Barbier de Meynard et Pavet de Courteille, I, 330.—Rumphius, loc. cit.

..... e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco,.....
IX, 14.

Vê Tidore, e Ternate, co'o fervente
Cume que lança as flammas ondeadas:
As arvores verás do cravo ardente
Co'o ſangue portuguez inda compradas;
X, 132.

O cravo é o botão do *Caryophyllus aromaticus* L. (*Eugenia caryophyllata* Thunberg), arvore indigena unicamente das cinco pequenas ilhas Molucas; as duas mais importantes das quaes menciona Camões. Hoje eſtá a ſua cultura baſtante eſpalhada pelas regiões quentes do globo.

As conhecidas deſignações de καρυοφυλλον, *caryophyllum* ou *garyophyllum* tem-ſe referido á fórma de nóz, que apreſentam as petalas no botão, mas parecem antes derivar-ſe de algum nome arabe, como *karumpfel*. Não foi conhecido, ao que ſe julga, dos antigos, e a menção que ſe encontra no livro de Plinio é muito duvidoſa. Nos ſeculos ſeguintes temos referencias, mais ſeguras, nos eſcriptos de Coſmas, e de Paulo Egineta.

Durante a edade média foi uma mercadoria conhecida, póſto que rara, concorrendo a Acra na Paleſtina, que então era um grande mercado, e ſendo d'ahi levado pelos italianos aos portos de Marſelha, Barcelona e outros. A planta porém não foi obſervada, o que não admira porque eſtava localiſada nas Molucas, em uma parte remota, e pouco visitada dos archipelagos orientaes. Por iſſo os viajantes fallão do cravo de modo confuſo e incorrecto: aſſim Marco Polo diz ſer um producto de Java, no que ſe enganou; e o incanſavel viajante Ibn Batuta, affirma ter viſto a arvore, o que não é provavel, pois confundiu tudo,

e ſuppoz que o fructo d'eſſa arvore era a *noz muſcada.* A mais exacta noticia é a de Nicolo Conti, o qual diz que o cravo vinha a Java de uma ilha do meio dia, ſituada a quinſe dias de viagem; e unicamente ſe engana no nome que dá á ilha[1].

Logo nos primeiros annos em que paſſaram á India, os portuguezes encontraram o cravo nos mercados do Malabar, de Ceylão, de Malaca e outros aonde deſde remotos tempos o traziam os barcos malayos, e os juncos chins.

No anno de 1511, depois da tomada de Malaca, mandou Affonſo de Albuquerque deſcobrir as ilhas de Maluco por Antonio de Abreu e Franciſco Serrão. Um pouco mais tarde foi Antonio de Brito fazer uma fortaleza em Ternate, e paſſados annos tomaram os noſſos definitivamente poſſe das ilhas. É certo porém que, pelo caracter inquieto e corajoſo dos habitantes, tiveram ali grandes difficuldades, comprando muitas vezes o cravo com o ſeu ſangue, como diz Camões. Viſitadas as ilhas, tornou-ſe familiar a todos os noſſos navegadores o aſpecto da arvore, o proceſſo da colheita e conſervação do cravo, e a natureza do chamado *fuſte* ou *baſtam*[2].

A importancia da mercadoria, que occupava no noſſo commercio talvez o ſegundo logar, ſendo apenas inferior á da pimenta, explica o intereſſe que ſe ligou á poſſe

---

[1] Cf.—Flück. and Hanbury, *Pharmac.*, 250.—Plinio, *Hiſt. nat.*, XII, 7, I, p. 479.—Sobre os nomes antigos. Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 3.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 100.—Cluſius, *Exoticor.*, 348.—Veja-ſe tambem Yule, *Cathay*, CLXXVII e 472.—*Marco Polo*, II, 217 e 248.—Ibn Batuta. *Viagens*, II, 345.—Major, *India, Travels*, 17.

[2] Cf.—Duarte Barboſa, *Noticias*, II, 371 e 384.—Barros, III *Decada*, V. 5.—Gaſpar Correia, *Lendas*, II.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 100.—Mais detalhada noticia da cultura ſe encontra em Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 5.—O fuſte já é mencionado no XIV ſeculo por Pegolotti *fuſti di gherofani*, Yule, *Cathay*, 305.

de Maluco. E eſte intereſſe mais ſe avivou quando a poſſe nos foi diſputada. De ſeito, depois da viagem de Fernando de Magalhães, a côrte de Madrid levantou pretenſões ao dominio d'aquellas ilhas, julgando haver chegado ao celebre meridiano, que ſeparava as conquiſtas de Portugal das de Caſtella. Para dar ſatiſfação ás repreſentações de Portugal, ſe reuniu na fronteira uma conferencia diplomatica e ſcientifica; mas apeſar de Garcia de Orta nos dizer, que por obſervações de eclipſes ſe reconheceu eſtar Maluco mais de duzentas leguas para dentro da conquiſta de Portugal, o certo é, que as determinações de longitudes eram então por tal modo duvidoſas, que a conferencia não pôde chegar a um accordo, e Portugal teve de comprar a poſſe tranqûilla das Molucas. A hiſtoria completa d'eſta curioſa queſtão ſe pode ler em uma eruditiſſima nota do ſr. João de Andrade Corvo, recentemente publicada[1].

Voltando aos *Luſiadas* vê-ſe que a menção das ilhas de Tidore e Ternate, como terras productoras do cravo, é da mais rigoroſa exactidão.

---

[1] Cf.—Barros, III *Decada*, v. 8, 9 e 18.—G. de Orta, *Colloquios*, 101.—Corvo, *Hiſtoria da linha de demarcação, que repartia o mundo entre Portugal e Caſtella,* no *Jorn. de Scienc. &Math.*, etc., num. XXVIII.

A ſecca flôr de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo,.....
IX, 14.

Olha de Banda as ilhas, que ſe eſmaltam
Da varia cor que pinta o roxo fruto;

As aves variadas, que alli faltam,
Da verde noz tomando feu tributo:
x, 133.

A *noz muſcada,* é a ſemente da *Myriſtica fragrans* Houttuyn, arvore de medianas dimenſões, que habita particularmente as ſeis pequenas ilhas de Banda, e algumas regiões viſinhas, como Gilolo, Amboina e outras. A *arilha*, que envolve a ſemente, é conhecida pelos nomes de *maça, macir* ou *macis.*

No *Pſeudolus*, comedia de Plauto, eſcripta perto de dois ſeculos antes de Chriſto, apparece uma referencia ao *macer;* e depois Dioſcorides, Galeno e Plinio fallam de uma droga pelo meſmo nome. Julga-ſe porém que eſſa ſubſtancia ſeria differente da que nos occupa. Tal era já a opinião de Chriſtovão da Coſta, que diz applicar-ſe aquelle nome á caſca de uma arvore do Malabar; e tambem a de Garcia de Orta, o qual faz meſmo a tal reſpeito uma obſervação engraçada, que moſtra por um lado a conſideração que ainda havia pela ſciencia grega, e por outro, como as viagens começavam a emancipar os eſpiritos d'eſſa ſujeição. Diz aſſim: «Eu eſtando em «Heſpanha, não ouſaria de dizer alguma couſa contra «Galeno, e contra os Gregos.»

Admittindo pois, como parece provado, que o *macer* dos antigos era coiſa diverſa, encontramos a primeira menção d'eſta ſemente, ſob o nome de *nuces indicae,* nas receitas do medico Aëtius, do anno proximamente de 540. Maçudi no x ſeculo, cita as muſcadas como um dos productos das ilhas orientaes do mar de Sinf; e mais tarde Kazwini — citado na *Pharmacographia* — diz expreſſamente que vinham das Molucas.

Os eſcriptores arabes de materia medica, Avicena e Serapio, e os viajantes Marco Polo e Ibn Batuta tambem a conheceram; mas imperfeitamente, e a paſſagem

do ultimo é eſpecialmente incorrecta. Penetrava, durante a edade média, na Europa pelo commercio do Mediterraneo, porém em pequena quantidade, ſendo o ſeu preço elevadiſſimo, pois em Inglaterra, no anno de 1377, duas libras de maça valiam quaſi tanto como uma vacca[1].

Depois de Antonio de Abreu e Franciſco Serrão terem viſitado as ilhas do pequeno grupo de Banda, começaram os portuguezes a frequental-as, familiariſando-ſe com o aſpecto da arvore, ſua cultura e natureza dos ſeus productos. Duarte Barboſa dá noticia da *noz*, e *maça* de Bandam[2]; e Garcia de Orta dá uma deſcripção correctiſſima da planta, como ſe pode bem julgar, comparando-a com a do minucioſo Rumphius. A deſcripção de João de Barros tambem é detida, e o quadro que pinta da vegetação e aſpecto de Banda, um dos mais gracioſos, que nos deparam as *Decadas*. Eſte quadro é ſeguido mui de perto pelo noſſo Poeta. *A varia côr que pinta o roxo fruto,* vem deſcripta por Barros, dizendo que a noz amadurece como os peſſegos calvos, tingindo-ſe a modo de arco iris. E depois acreſcenta: «E «porque n'eſte tempo que começam amadurecer, acodem «da ſerra, como a novo paſto, muitos papagaios e paſſa«ros diverſos, he outra pintura ver a variedade da feic«ção, canto e cores, de que a natureza os dotou.» O que lembra *as aves variadas que alli ſaltam* de Camões. Se o Poeta—ſobre o que ha duvidas—não viſitou a ilha, in-

[1] Cf.—Flück. and Hanb. *Pharmac.* 451.—Garcia de Orta, *Colloquios,* 130.—Chriſtofori Acoſta *Aromatum,* no *Exotica* de Cluſius, 264.—Maçudi, *Prairies* I, 341.—Yule, *Marco Polo,* II, 217.—Ibn Batuta, *Viagens,* II, 345.—Rogers, *Hiſt. of agr. and prices in England* citado na *Pharmacographia.*

[2] Alguns dos noſſos eſcriptores não comprehenderam, como era natural, a natureza da *ſemente, arilha* e *fructo* da planta, e Barboſa diz; que a noz é o fructo, ſobre o qual eſtá a maça á maneira de flor; do meſmo modo Camões chama á maça, *ſecca flor de Banda.*

ſpirou-ſe na deſcripção do grande proſador ſeu contemporaneo, que naturalmente conhecia quando eſcreveu o decimo canto [1].

[1] Cf.—Duarte Barboſa, *Noticias*, II, 370.—G. de Orta, *Colloquios*, 128.—Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 14.—Barros, III *Decada*, V, 6.

Olha tambem Borneo, onde não faltam
Lagrimas no licor coalhado, e enxuto,
Das arvores, que camphora he chamado,
Com que da ilha o nome é celebrado.
X, 133.

A camphora de Bornéo é produzida pela *Driobalanops aromatica* Gärtn., arvore de grandes dimenſões, da familia das Dipterocarpeas, natural de Bornéo e de Sumatra. No ſul da China, Formoſa e Japão ſe obtem camphora de uma arvore inteiramente diverſa, o *Laurus camphora* L.

A primeira menção d'eſte perfume vem incluida n'uma receita do medico Aëtius de Amida, o qual a manda juntar a um certo preparado, ſe a houver; e eſta curioſa indicação hiſtorica já ſe encontra mui correctamente expoſta nos *Colloquios* do noſſo Garcia de Orta. Depois temos muitas provas da grande eſtima em que foi tida: exiſtia nos theſouros dos reis da Perſia, e dos kalifas do Cairo; e fez parte de um rico preſente enviado ao papa Bento XII pelo Gran Khan. Encontram-ſe noticias da camphora em muitos eſcriptores arabes, e entre outros em Maçudi, que celebra á eſpecie do paiz de Kanſur. Edriſi dá uma indicação ſobre a arvore relativamente exacta; mas Ibn Batuta dá uma deſcripção muito errada da planta,

que diz ſer ſemelhante ás cannas, confundindo, provavelmente, a camphora com o *tabaſchir* dos bambús; conta tambem que ao pé d'eſte vegetal ſe derramava o ſangue das victimas, ſem o que não ſe produzia a ſecreção. Conti diz egualmente, que ſe faziam certos ſacrificios para eſte fim; e Maçudi, já citado, affirma que a camphora era mais abundante em annos de trovoadas e tremores de terra. Como ſe vê, rodeava-ſe a producção de certas circumſtancias myſterioſas.

Marco Polo obſervou no ſul da China a camphora do *Laurus camphora,* e depois em Sumatra a do *Driabalanops,* e diz que eſta—a *Fanſuri*—valia o ſeu peſo de oiro. Eſtas duas qualidades conheceram depois os noſſos muito bem, como ſe vê do *Livro* de Duarte Barboſa, e do de Antonio Nunes, e melhor dos *Colloquios.* Aqui ſe encontra a diſtincção rigoroſa entre as *duas camphoras*, e a aſſerção exacta de que a de Bornéo era quaſi deſconhecida na Europa, o que reſultava da eſtimação em que a tinhão no Oriente, e da enorme differença de preço entre uma e outra. Eſta differença ainda ſe conſerva, pois um *pikul* de camphora boa da China vale 20 dollars, e o meſmo peſo da de Bornéo 2:000, d'onde reſulta que quaſi toda a que hoje ſe encontra no commercio é da China, Formoſa ou Japão, iſto é, produzida pelo *Laurus.* Tambem Orta nos diz que a boa era a de *Bairros;* e eſte nome—que ſe deve ler *Barus*—identifica-ſe com o celebrado *Fanſur,* porto de Sumatra, por onde effectivamente durante tres ſeculos ſe exportou a melhor *Kapur-fanſuri.*

Do modo porque a arvore creava a camphora, tambem Orta dá boa relação. Havia examinado diverſos exemplares, e, entre outros, um groſſo madeiro, enviado de preſente a D. João de Caſtro: ahi tinha obſervado que a camphora era gomma e não miolo, e *ſuava* pelas gretas ou fendas da madeira. De feito o *borneol* exſuda

para as fendas do lenho, e ahi se solidifica em massa semi-crystallina, n'umas lagrimas ou gottas pequenas. É isto que Camões pintou com admiravel exactidão scientifica, e felicissima escolha de termos, chamando-lhe *lagrimas no licor coalhado e enxuto*[1].

[1] Cf. —Flück. and Hanb. *Pharmac.*, 458.—*Aetii medici Gr. tetrabiblos*, 910, citado por Yule.—Yule, *Cathay*, 357, e *Marco Polo*, II, 244.—Maçudi, *Prairies*, I, 338.—Edrisi, *Geographie*, I, 80, trad. de Amedée Jaubert.—Ibn Batuta, *Viagens*, II, 344. A versão de Moura é aqui defficiente.—Major, *India*, 15.—Duarte Barbosa, *Noticias*, II, 384.—*Livro dos Pesos*, 9 e 14 nos *Subsidios* de Felner.—G. de Orta, *Colloquios*, 41.

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salutifero, e cheiroso;
X, 134.

É a madeira do *Santalum album* L., arvore da familia das Santalaceas, que se encontra espontanea em algumas partes da India, varias ilhas do archipelago malayo e Timor.

Sob o nome sanskrito *chandana*, que os arabes converteram em *sandal*, vem mencionado no *Nirukta*, antigo commentario vedico, escripto pelo V seculo antes de Christo; e tambem nos poemas epicos *Ramayana* e *Mahabharata*, que pertencem, em parte, á mesma época.

É duvidoso se os povos da bacia mediterranica conheceram esta madeira nos tempos remotos. Todos se recordam do celebre paiz de Ophir, para onde navegavam as frotas de Salomão e do seu alliado Hiram. Essas frotas trouxeram oiro, prata, marfim, bogios e pavões; e

tambem uma madeira precioſa, que alguns julgaram ſer o ſandalo. O profeſſor Max Müller inclina-ſe a eſta opinião; e vê nos nomes hebraicos da madeira, *algum* e *almug*, que lhe não parecem ſemiticos, corrupções de um dos nomes ſanſkritos do ſandalo, *valgu-ka*. Se o poderoſo rei da Judéa recebia da India aquelle lenho, perdeu-ſe depois o ſeu conhecimento, e ſó muitos ſeculos mais tarde ſe encontram menções no *Periplo do mar Erythreo*, e depois na *Topographia* de Coſmas, onde ſe diz que era importado em Ceylão.

Maçudi no x ſeculo, enuméra o ſandalo entre os productos precioſos do paiz do Maharadja, ou rei das ilhas, parecendo querer aſſim referir-ſe á madeira do archipelago, e não á da India. Serapio o moço, conhecia tres eſpecies d'eſte lenho, porém é difficil decidir quaes eram [1].

Os noſſos eſcriptores diſtinguiram bem, e pela primeira vez, as eſpecies de ſandalo e o ſeu valor, como ſe vê do *Livro* de Barboſa, e melhor dos *Colloquios*. Ahi Garcia de Orta moſtra que o ſandalo *branco* e o *amarello*, ou *citrino*, eram mui ſemelhantes, mas que o *vermelho* não cheiroso, e de menor valor, era produzido por differente arvore; e de feito é, o lenho de uma leguminoſa, o *Pterocarpus ſantalinus* L. fil. De modo que eſtas diſtincções, antes confuſas, ſe encontram correctamente expoſtas nos livros portuguezes. N'eſtes e na obra poſterior de Rumphius, ſó ſe falla do ſandalo de Timor e terras proximas; e mui levemente e em duvida do da India. As arvores de Myſore e outras partes da peninſula Indo-gangetica eram então mal conhecidas, e Timor

[1] Cf.—Flück. and Hanbury, *Pharmac.*, 540.—Max Müller, *Lectures on the ſcience of language*, 1 ſeries, 210.—Yule, *Cathay*, CLXXVII. —Maçudi, *Prairies*, I, 341.

o paiz claſſico do ſandalo[1], o que moſtra que a paſſagem dos *Luſiadas* é perfeitamente exacta.

[1] Cf.—Duarte Barboſa, *Noticias*, II, 370 e 384.—Garcia de Orta, *Colloquios*, 185.—Rumphius, *Herb. Amb.*, II, 42.

..... e a maravilha
Do cheiroſo licor, que o tronco chora;
Cheiroſo mais que quanto eſtilla a filha
De Cinyras, na Arabia onde ella móra;
X, 135.

Falla aqui Camões de duas ſubſtancias, do *benjuin*, e da *myrrha*, com que o compara, julgando-o ſuperior.

Eſte *benjuin* é a reſina de uma pequena arvore das floreſtas de Java, e de Sumatra, o *Styrax Benzoin* Dryander; em quanto á droga do meſmo nome, proveniente de Sião, não eſtá bem tirada a limpo a ſua procedencia botanica.

Não foi eſta ſubſtancia conhecida dos antigos, e a primeira menção, que d'ella ſe encontra,—ſegundo conſta das inveſtigações dos eruditos auctores da *Pharmacographia*,—vem no livro, tantas vezes citado, de Ibn Batuta. Eſte viajante falla-nos do *incenſo de Java*, e o nome por elle empregado, commum entre os arabes, *luban jauá*, é a origem das deſignações hoje uſadas, tendo-ſe convertido em *banjaua*, *benjuin*, e outras fórmas ſemelhantes.

Em tempos pouco anteriores ás viagens portuguezas, vinha á Europa pequena quantidade d'eſte caro e eſtimado perfume. Apenas conſta, que os Soldões do Egypto incluiram algum benjuin em ricos preſentes, envia-

dos no xv ſeculo aos doges de Veneza, Paſcual Malipiero e Agoſtinho Barberigo, e á celebre Catharina Cornaro, rainha de Chypre.

O *Roteiro da viagem de Vaſco da Gama* é o primeiro livro portuguez, em que vem mencionada eſta ſubſtancia. É notavel a grande copia de informações, algumas na verdade confuſas e inexactas, que o auctor do *Roteiro,* peſſoa pouco illuſtrada, conſeguiu obter durante a ſua curta demora na India. Pena é, que não deſſe mais circumſtanciada noticia d'aquelle homem que ali encontrou, que fallava portuguez, e lhe forneceu tantas informações.

Em quanto ao benjuin, diz-nos o anonymo eſcriptor, que o havia branco e preto no reino de *Pegúo;* e que em *Xarnauz* havia tambem muito *beijoim* e muito *aloee.* Os auctores das notas ao *Roteiro,* inclinaram-ſe a identificar eſta ultima localidade com a ilha de Bornéo, ſuppondo que ali ſe produziam aquellas drogas; mas eſta opinião é inſuſtentavel, e o anonymo refere-ſe evidentemente a Sião. Como vimos, a madeira de aloes é uma producção eſpecial da coſta de Champá, proxima a Sião, n'eſte reino ha tambem benjuin, e demais o nome não deixa duvida: *Xarnauz*, que mais tarde Fernão Mendes Pinto uſa na fórma *Sornau,* é a tranſcripção, baſtante exacta, do nome perſa *Shahr-i-nao*, que ſignifica *nova cidade,* e pelo qual Sião foi conhecido dos mercadores do Oriente, durante ſeculos.

O *benjuin* de Sião tambem é citado por Duarte Barboſa, o qual diz que os mouros lhe chamavam *luban,* o que é exacto, e accreſcenta que d'elle faziam *eſtoraque* no Levante, no que ſe engana. Egualmente affirma que em Çamatra naſce muito bom *beijoim.*

Os auctores do excellente livro *Pharmacographia,* reconhecem que Garcia de Orta «*was the firſt to give «a lucid and intelligent account of benzoin.*» De feito

todo o capitulo do noſſo auctor é curioſo. Começa por diſtinguir o *benjuy amendoado* de Sião e Martaban; droga effectivamente eſpecial, que hoje ſe exporta principalmente pelo porto de Bangkok, e ſobre cuja procedencia botanica ainda, como vimos, reſtam duvidas. Depois falla da droga mais negra de Samatra, á melhor da qual chamavam *benjuy de boninas*. Dá em ſeguida uma boa deſcripção da arvore, de que vira troncos e folhas conſervadas em vinagre; e egualmente uma exacta indicação ſobre a gomma, e modo de a recolher, fazendo inciſões nos troncos.

Como ſe vê é correcta a paſſagem de Camões, tanto ſobre a reſina cheiroſa, que o tronco exſuda ou *chora*, como relativamente á ſua procedencia de Sumatra[1].

[1] Cf.—Flück. and Hanb., *Pharmac.*, 361.—Ibn Batuta, *Viagens*, I, 343, e *Cathay*, 469.—*Roteiro da viagem de Vaſco da Gama*, 109, 112 e 163.—Duarte Barboſa, *Noticias*, 367, 368, 384.—Garcia de Orta. *Colloquios*, 8.

Nos verſos, acima citados, falla Camões da filha de Cinyras, a celebrada Myrrha, a quem a fabula deu tão má fama.

A reſina d'eſte nome é produzida por uma pequena arvore da familia das Burſeraceas, a *Balſamodendron Myrrha* Nees von Eſembeck, que creſce na Arabia; obtendo-ſe egualmente da meſma eſpecie, ou de outras ſemelhantes, nas terras da margem africana do mar Vermelho.

Lembra naturalmente, ao fallar d'eſta ſubſtancia, o conhecido preſente dos reis Magos, em que a myrrha, ſegundo antigos hymnos lithurgicos, repreſentava o homem.

Offert Aurum caritas,
Et Myrrham auſteritas,
Et Thus deſiderium.
Auro Rex agnoſcitur,
Homo Myrrha, colitur
Thure Deus gentium.

Muito antes d'eſta data vem a *myrrha* mencionada nos livros Moſaicos, e nas obras dos gregos, por exemplo, nas de Theophraſto, o qual mui claramente a diſtingue do incenſo.

Garcia de Orta ſaz a meſma diſtincção, e cita dois nomes da ſubſtancia: o de *mirra,* que é o grego σμύρνα, e vem do hebraico *mur;* e o de *bolla,* uſado no Oriente, que ſe liga á fórma ſanſkrita *vola,* e á coptica *bal.*

Tambem tinha ſobre a ſua procedencia idéas muito claras, pois ſabia que vinha da Arabia, e egualmente da Ethiopia, ou terra do Abexim; mas nunca pôde ſaber da origem botanica a verdade, nem como a arvore era feita. Unicamente averiguou que os *bedoins,* gente montez, e fallando o arabio puro, a traziam a Brava e a Magadaxo por terra. Como ſe vê, eſtas informações eram,—para aquelle tempo,—muito completas, e pouco mais ſe ſoube nos ſeculos ſeguintes, pois as plantas ſó foram deſcriptas nos noſſos dias, e ainda aſſim de modo imperfeito [1].

Camões, dando-lhe por patria a Arabia, é, como ſempre, correctiſſimo; e muito mais que Garrett, o qual no ſeu *Camões*, com liberdade poetica faz creſcer a arvore na India:

---

[1] Cf.—Oliver, *Flora of Tr. Afr.*, I, 325.— Flück. and Hanb. *Pharmac.*, 124.—Yule, *Marco Polo,* I, 76.—Theophraſto, *Hiſt. pl.*, IX, 4 pag. 144.—Sprengel, Comment. in *Dioſc.*, II, 371.—Garcia de Orta, *Colloquios,* 214.

Os echos das ſoidões que lava o Ganges,
As veigas onde creſce a palma do Indo
Apprenderam teu nome. E o meigo accento
De minha branda lyra repetindo
No ſuſurro das folhas recendentes
A filha de Cinyras murmurava;

Mas bem ſe pode perdoar a leve incorrecção botanica, envolvida n'eſtes verſos, admiraveis e de todo o ponto dignos do Poeta que os inſpirou.

Nas ilhas de Maldiva naſce a planta,
No profundo das agoas ſoberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.
x. 136.

A hiſtoria d'eſta planta é muito curioſa. É uma palmeira de grandes dimenſões, a *Lodoicea Seychellarum* Labill., que tem uma habitação muito reſtricta, pois ſó ſe encontra no pequeno grupo das Seychelles, e ahi apenas na ilha Praſlin, e duas mais. Como eſtas ilhas fiquem muito empégadas no mar das Indias, e arredadas do caminho da navegação, que habitualmente ſeguia o canal de Moçambique, permaneceram deſconhecidas até ao ſeculo paſſado, e deſconhecida por tanto a *Lodoicea*. Não aſſim os ſeus fructos, cocos de notavel grandeza, que caindo ao mar eram levados para o oriente pelas correntes maritimas, ajudadas em parte do anno pela monção de SW. Occaſionalmente eram arremeſſados ás praias em differentes regiões, e mais particularmente na extenſa corda de innumeras ilhas baixas e *atolls*, conhecidas com o nome de Maldivas. Como era natural, eſtes enormes cocos fluctuantes attraíam a at-

tenção, ſendo os naturaes que os achavam obrigados ſob graves penas, a entregal-os aos ſeus reis ou chefes; e naturalmente tambem, vendo-os ſobre as aguas, ou na areia onde os lançava a maré, e não conhecendo a planta que os creava, ſuppozeram-os produzidos por vegetaes ſubmarinos, chamando-lhes *cocos do mar* e *cocos das Maldivas*.

Não encontro nas relações dos viajantes da edade média noticia d'eſte coco. O proprio Ibn Batuta, que não ſó eſteve nas Maldivas, mas ali ſe demorou anno e meio, caſando e ſendo nomeado Kadi, não dá relação d'elle, dando aliás uma longa deſcripção das ilhas. Nos eſcriptores portuguezes encontra-ſe mencionado com frequencia, e Barros diz, que nas Maldivas: «em algumas «partes de baixo da agua ſalgada naſce outro genero d'el«las (palmeiras), as quaes dão um pomo maior que o «coco.» Garcia de Orta conta que, ſegundo a fama commum, os palmares ſe haviam alagado, e as velhas palmeiras ſubmerſas creavam aquelles grandes e duros cocos; não parece porém dar completo credito a eſta verſão, promettendo indagar a verdade do caſo, quando foſſe ao Malabar. No anno de 1690, mais de um ſeculo depois de Camões, ainda Rumphius, um notavel naturaliſta, acreditava na origem ſubmarina d'eſtes fructos. Dá, no ſeu livro, uma longa deſcripção d'eſte producto maravilhoſo «*hujus miri miraculi naturae, quod princeps eſt «omnium marinarum rerum quae rarae habentur*», e conta as curioſas lendas que ſobre elle corriam.

Segundo uma das mais intereſſantes, ſó havia no mundo uma d'eſtas arvores, ſituada n'um abyſmo ou pégo profundo para o ſul de Java; a ſua copa emergia das aguas, e ahi pouſavam ou faziam ninho os *gerudas*, aves que nas garras arrebatavam elephantes, rhinocerontes e outros animaes de egual jaez. Bem poucos homens a haviam visto, porque a ſua aproximação era perigoſa, e

a arvore retinha, ou atraía os navegadores, que depois ſerviam de paſto aos *gerudas*.

Envolve-ſe aqui com a lenda do *pauſengi*—que aſſim chamavam a arvore—a perſiſtente lenda da exiſtencia de uma ave colloſſal, o *geruda* dos hindus, o *ſimurgh* dos perſas, o *angka* dos arabes, e o *roc* ou *ruch*, com que o conhecido Sindbad paſſou tão eſtranhas aventuras, que Ibn Batuta viu ao longe nos mares do Oriente, e que Marco Polo affirmou exiſtir em Madagaſcar.

Voltando porém ao *coco do mar*, ve-ſe que as opiniões eram accordes, no tempo do noſſo Poeta, e muitos annos depois, em o julgar o fructo de uma planta, creada no *profundo das aguas* [1].

Pelas ſuas virtudes medicinaes, tambem foi geralmente conhecido, e particularmente notado como antidoto. Barros diz, que era mais efficaz contra a peçonha do que a pedra *bezoar*, e Orta conhecia a fama das ſuas qualidades, mas não tinha d'ellas experiencia propria, pois tendo á ſua diſpoſição *bezar, triaga, terra ſegillata* e outras mézinhas boas, declara não o haver empregado, e não affirmar ſenão o que ſabe: *ſendo teſtemunha de viſta*, ou *por peſſoas dignas de fé*.

Mas que era celebrado não ha duvida, e muito procurado. Da India vinham eſtes *cocos* para a rainha de Portugal; e na Europa, montavam-ſe em prata e oiro, como um que figurou Cluſius na ſua verſão latina do livro de Orta. Um certo almirante hollandez, Wolferio Hermano, que no anno de 1602 commandara uma acção nos mares de Bantam, contra a eſquadra portugueza de André Furtado de Mendonça, poſſuia um d'eſtes co-

[1] Cf.—Sobre a deſcripção da planta, Hooker, *Botan. mag.*, t. 2734.—Sobre as opiniões antigas, Barros, III *Decada*, 7.—G. de Orta, *Colloquios*, 70.—Rumphius, *Herb. Amb.*, VI, 210.—Sobre a lenda das aves, Major, *India*, XXVI.—Yule, *Marco Polo*, II, 349.

cos; e por ſua morte o imperador Rodolpho II, chegou a offerecer por elle aos herdeiros, quatro mil florins, porém eſtes não quizeram ceder o precioſo fructo, unico que então exiſtia na Hollanda[1].

Tal era a ſua reputação de *antidoto excellente.*

---

[1] Cf.—Rumphius, *loc. cit.*—Orta, *loc. cit.*—Cluſius, *Exoticorum,* etc. 193.

Verás defronte eſtar do Roxo eſtreito
Socotorá, co'o amaro Aloe famoſa;
x, 137.

Do ſucco amargo das folhas de diverſas eſpecies de *Aloë,* plantas carnoſas da familia das Liliaceas, ſe obtem eſta droga. A eſpecie mais conhecida, *Aloë Socotrina* Lamark, habita a ilha d'onde tirou o nome, aſſim como outras regiões viſinhas ao mar Vermelho, e parte occidental do mar das Indias.

Celſo, Dioſcorides e outros auctores gregos e latinos conheceram eſta ſubſtancia, dando-lhe o nome de *αλομς* e *aloes,* derivado—ſegundo Sprengel—do ſyriaco *alwai.* Os portuguezes lhe deram o meſmo nome, aſſim como o de *herva baboſa,* pela abundancia de ſucco de ſuas folhas; e antigamente o de *azevre,* do arabe *ſaber* ou *aſ-ſaber.*

Deſde remotos tempos foi Socotorá, a terra claſſica do aloes. Eſta ilha é a *Dioſcoridis* dos gregos, nome que nenhuma relação tem com o do celebre naturaliſta, e ſe deriva do ſanſkrito *Dvipa-ſukadara,* contraído em *Diuſcatra.*

Entre os eſcriptores arabes correu uma curioſa hiſto-

ria, ſobre a cultura do aloes n'aquella ilha. Encontra-ſe nas *Relações da India e da China* de dois viajantes mahometanos, que datam do IX ſeculo, e foram publicadas por Renaudot no paſſado; e, com ligeiras variantes, nos *Prados de oiro* de Maçudi, e na *Geographia* de Edriſi. A ſua ſubſtancia é a ſeguinte. Ariſtoteles recommendara a Alexandre que procuraſſe a ilha que produzia o aloes; effectivamente eſte, de volta da India, mandou ou foi a Socotorá, e, por conſelho do ſeu meſtre, deſterrou d'ali os habitantes, e fundou uma colonia de ionios, para eſpecialmente cuidarem da cultura da famoſa planta. Mais tarde a colonia grega abraçou o chriſtianiſmo.

Sob circumſtancias fabuloſas, deve aqui haver um fundo de verdade, em quanto á antiga cultura da planta, e talvez ao eſtabelecimento de uma colonia grega, a que Coſmas já allude no VI ſeculo.

No que diz reſpeito á remota introducção do chriſtianiſmo n'aquella ilha, não exiſte duvida alguma. Além das indicações citadas, temos as affirmações de Marco Polo, que ali achou eſtabelecido um arcebiſpo, independente do papa, e ſugeito ao arcebiſpo de Baudas, a de Nicolo Conti, e varias outras.

A Portugal haviam chegado noticias d'eſtes chriſtãos, e os capitães portuguezes levaram ordem de os procurar e proteger contra a oppreſſão dos arabes e turcos. João de Barros falla muito d'eſtes chriſtãos; mas parece, ſegundo Duarte Barboſa, que os veſtigios de religião eram já no ſeu tempo eſcaſſos. Gaſpar Corrêa conta, com a ſua habitual ingenuidade, que, quando ali aportou Triſtão da Cunha em 1507, os habitantes vieram aos noſſos, e ſe chamavam chriſtãos, porque os frades e o capitão mór lhes davam pannos, e lhes faziam bom trato, mormente ás mulheres, que nos portuguezes achavam boa converſação.

Do livro de Marco Polo, e das aſſerções de Conti,

deprehende-ſe que eſtes chriſtãos eram neſtorianos; mas João de Barros diz mui eſpreſſamente que eram *jacobitas da caſta dos Abexiis;* e diverſas circumſtancias, como a pratica da circumciſão, e outras, parecem favoraveis a eſta opinião, que o erudito Yule ſe moſtra diſpoſto a acceitar. Foſſe qual foſſe a origem do chriſtianiſmo, eſtava eſte quaſi apagado, reduzido a algumas praticas groſſeiras, e os habitantes caídos n'um eſtado de rude ſelvageria, quando os noſſos tomaram conta da ilha.

Continua hoje eſta decadencia, e a cultura do *aloes,* que ſe introduziu e tem proſperado nas colonias inglezas do Cabo, e na America, pouco tem progredido, ſe não tem quaſi deſapparecido da ſua antiga patria. No tempo de Camões, conſervava porém a reputação, que tornara a ilha famoſa [1].

[1] Cf.—Flück. and Hanb., *Pharmac.,* 616.—Sprengel, Comment, in *Diosc.,* II, 503.—Maçudi, *Prairies,* III, 36.—Edriſi, *Geogr.,* I, 47. —Yule, *Cathay,* 168, e *Marco Polo,* II, 342.—Barros, II *Decada,* I, 3.—Gaſpar Correia, *Lendas,* I, 684.—Duarte Barboſa, *Noticias,* II, 263.

Mas cá onde mais ſe alarga, alli tereis
Parte tambem co'o o páo vermelho nota;
De Sancta Cruz o nome lhe poreis,
X, 140.

Refere-ſe aqui Camões ao *páo brazil* da America, produzido por diverſas arvores do genero *Cæſalpinia,* da familia das Leguminoſas, e por outra arvore da meſma familia, o *Peltophorum Linnaei* Bentham.

A hiſtoria d'eſte nome *brazil* é intereſſante, e merece algumas palavras de explicação.

Foi conhecida desde tempos remotos, a madeira vermelha, empregada na tinturaria, de uma grande arvore espalhada pelo Oriente—na India, Indo-China e archipelago—a *Caesalpinia Sappan* L. Pelo nome arabe de *bokkam* a menciona Maçudi no x seculo, e depois outros viajantes da mesma nação. Na Europa tinha o nome de *brazil,* que geralmente se julga derivado da sua côr rubra, semelhante á das *brazas.* Este nome *bresill*, *brasilly* e ainda com outras orthographias, era conhecido na Italia no anno de 1193, e na Hespanha no de 1221, como consta de varios documentos, publicados por Muratori e Capmany, e citados por Humboldt. Marco Polo na relação franceza da sua viagem,—que parece ser a primitiva—dá-lhe o mesmo nome de *brésil.* Os italianos usaram da mesma designação na fórma *verzino*, que se encontra, por exemplo, no livro commercial de Pegolotti, do anno de 1340 proximamente. E nós temos uma menção da madeira em um livro portuguez, anterior ao descobrimento de Pedro Alvares Cabral: de feito no *Roteiro da viagem de Vasco da Gama* se diz, que em Tenacar—provavelmente Tenacerim—ha «muito bom brasyll, o qual faz «muito fino vermelho.» Por onde se vê que este nome foi bem conhecido dos nossos navegadores antes de se descobrir a região, a que depois se applicou.

Quando os viajantes europeos aportaram ás praias do Novo Mundo, observaram especies novas de *Çaesalpinia,* cuja madeira tomaram pelo *brazil,* seu conhecido. Anghiera, nas *Oceanicas*—citadas por Humboldt—conta que Colombo encontrou em Haiti grandes florestas das arvores que, *mercatori Itali verzinum, Hispani brasilum appellant.*

Nas terras descobertas por Pedro Alvares Cabral, no anno de 1500, e por elle chamadas de Sancta Cruz, havia muito *brasil.* Os indigenas davam á arvore o nome de *ibirapitanga,* como refere Marcgravio, mas os por-

tuguezes conſervaram-lhe a antiga e bem conhecida deſignação. A mercadoria do Oriente, continuou por algum tempo a ſer conhecida, e Garcia de Orta, dá-lhe o velho nome de *braſil,* e diſtingue-a bem do *ſandalo vermelho,*—mais correctamente meſmo do que ſuppoz Humboldt. Pouco a pouco porém foi perdendo o ſeu nome, paſſando a ſer conhecida pela deſignação malaya de *ſappan,* que hoje tem no commercio.

A nova mercadoria americana, não ſó conſervou o nome que havia uſurpado, mas deu-o á região d'onde agora vinha, que começou a ſer chamada *terra do brazil,* ou ſimpleſmente *Brazil.*

Eſta etymologia é conhecida, acceita por todos, e expreſſamente affirmada por Barros onde diz, que o demonio «tanto que d'aquella terra começou de uir o páo «vermelho chamado Brazil, trabalhou que eſte nome fi«caſſe na bocca do povo, e que ſe perdeſſe o de Sancta «Cruz, como que importava mais o nome de um páo «que tinge pannos, que o d'aquelle páo, que deu tintura «a todolos Sacramentos per que ſomos ſalvos.

Sem a conteſtar por modo algum, ha um reparo a fazer. Em varios mappas da edade média, como no *Portulano medicêo,* e na *Carta* de Andrea Bianco, figuram no Atlantico, ilhas fabuloſas ou reaes, a uma das quaes ſe dá o nome de *Bracía* e *Brazil;* e que já ſe pretendeu identificar com a Terceira. Será uma ſimples coincidencia, ou terá eſte nome alguma relação com o da madeira vermelha, ou com o da vaſta região que depois ſe deſcobriu para aquelles lados? É o que me não parece bem averiguado, mas em todo o caſo não vem ao noſſo propoſito.

Deixemos apenas mencionado, que Camões conhecia o *páo vermelho*, e, com a ſua habitual correcção, o localiſa nas terras de Sancta Cruz [1].

[1] Cf.—Maçudi, *Prairies,* I, 338.—Yule, *Marco Polo*, II, 153.—

Rumphius, *Herb. Amb.*, IV, 56.—Georg. Marcgravii, *Hiſt. rerum nat. Braſiliae*, 101, ed. de 1640.—G. de Orta, *Colloquios*, 186.—Barros, I *Decada*, V, 2.—Gaſpar Correia, *Lendas*, I, 151.—Humboldt, *Hiſt. de la Géogr. du nouveau Continent*, II, 214 e ſeguintes. Em quanto á citação de G. de Orta que aqui ſe encontra, é de notar, que o ſabio naturaliſta, como quaſi todos os eſcriptores eſtrangeiros, parece não conhecer a rara edição de Goa dos *Colloquios*, e unicamente a verſão latina, ou antes arranjo—e baſtante incompleto—de Charles de l'Écluſe. Vem a propoſito indicar, que me ſervi n'eſte trabalho da edição de Varnhagen, tendo o cuidado de a confrontar, em algumas paſſagens importantes, cóm a de Goa de 1563, que poſſue a Bibliotheca Nacional.

Podemos afoitamente affirmar, depois d'eſte exame, que o grande Poëta tinha ſobre os vegetaes do Oriente noções, que—para o ſeu tempo—eram, não ſó baſtante extenſas, como admiravelmente rigoroſas.

Não ſe demora em deſcripções longas; um epitheto, uma phraſe curta, raras vezes mais de um verſo, é tudo quanto encontramos relativamente a cada producto vegetal. Mas eſſe epitheto, ou eſſa phraſe moſtram um conhecimento ſeguro da natureza da ſubſtancia: a pimenta e o cravo são *ardentes*, o aloes é *amaro:* o lenho de aloes é ſimpleſmente o *páo cheiroſo;* mas o ſandalo uſado como perfume, e tambem como medicamento é *ſalutifero e cheiroſo:* o benjuin que exſuda dos troncos n'um eſtado paſtoſo, quaſi fluido, é o *cheiroſo licor, que o tronco chora*; mas á camphora que promptamente ſe ſolidifica em pequenas gottas ſemi-cryſtallinas, chama-lhe as *lagrimas, no licor coalhado e enxuto:* a canella é a *cortiça calida cheiroſa.* Sem nos demorar-mos a examinar a belleza litteraria das expreſſões, ſobrias e energicas, ou a feliz eſcolha dos termos, devemos no entanto notar o ſeu rigor, verdadeiramente ſcientifico. Não ha um ſa-

crificio á medida ou á rima, não ha um epitheto vago; o eſcriptor ſabe ſempre conciliar as exigencias da fórma poetica, com a nitidez correcta de uma *diagnoſe.*

A *geographia botanica* do poema, é tambem, como claramente ſe deduz do exame feito nas paginas precedentes, de uma exactidão ſurprehendente. As patrias das plantas ſão deſignadas com um conhecimento ſeguro, e um eſcrupulo admiravel: o *aloes* é de Socotorá, o *incenſo* de Dofar, a *canella* de Ceylão, a *camphora* de Bornéo, a *noz* de Banda, o *cravo* de Maluco, e o *lenho aloes* de Champá. Tudo iſto é rigoroſamente verdadeiro: eſtas localidades produziam excluſivamente aquellas ſubſtancias; ou creavam as melhores qualidades, ou tinham no Oriente eſpecial fama e nomeada pela ſua producção.

Se agora conſiderarmos a ſciencia portugueza, de que nos *Luſiadas* encontramos como o ecco poetico; e a conſiderarmos no campo reſtricto em que nos temos encerrado, do conhecimento das fórmas vegetaes, ſer-noſha facil reconhecer que conſtituia um notavel progreſſo, relativamente ás épocas anteriores.

No que diz reſpeito aos ricos productos orientaes, de que Camões principalmente ſe occupou, vimos que pela maior parte haviam ſido conhecidos deſde tempos remotos. De feito os portuguezes não deſcobriram as regiões do extremo Oriente, e unicamente um facil caminho para lá. Não ſe trata aqui de terras novas, reveladas pela primeira vez á Europa, como no littoral africano que vae do cabo Bojador ao das Correntes, nas praias de Sancta Cruz, ou nas Antilhas, deſcobertas pelos heſpanhoes. O mundo antigo teve conhecimento da India, da China, e dos grandes archipelagos orientaes. Se porém por mundo antigo entendermos, unicamente as civiliſações que ſe agruparam em volta da bacia Mediterranica, que ſe conheceram e penetraram mutuamente,

e de cujo trabalho intellectual nafceram as fociedades e a fciencia moderna, vemos que effe conhecimento foi muito imperfeito. As litteraturas como as fciencias proprias ao extremo Oriente,—a da China, e mefmo a da India—não as podemos confiderar aqui, pois permaneceram ifoladas, e não tomaram directamente parte n'efte movimento de idéas que conftitue a hiftoria da fciencia. Só recentemente fe reconheceram os eftreitos laços que uniam os povos da India aos da Europa. Os antigos nem os fufpeitaram. Os chamitas do Egypto, e os femitas da Paleftina influiram mais poderofamente na marcha da civilifação européa do que os hindus, apezar das affinidades de raça e da lingua.

Entre effe mundo antigo, de que a fciencia moderna deriva, e o Oriente, não houve pois contacto intimo, e unicamente relações indirectas e muitas vezes interrompidas, taes como podiam provir de longinquas expedições guerreiras, de um commercio hefitante, de uma navegação na infancia, e do eftado de barbarie de algumas regiões intermedias. Eftes conhecimentos imperfeitos revelam-fe nos livros. As noções fobre productos vegetaes do Oriente que encontramos no tratado de Theophrafto, contemporaneo de Alexandre, como as que depois nos deparam as obras dos efcriptores da efcola de Alexandria, e as dos romanos, fão confufas, incompletas, e não poucas vezes abfolutamente contrarias á verdade dos factos.

No longo periodo da edade média, apezar das temerofas invafões dos povos barbaros, das guerras de extreminio, e das inceffantes agitações de toda a natureza que perturbam a Europa, não fó fe confervam as noções adquiridas pelos antigos, como fe completam e rectificam em muitos pontos.

Duas poderofas correntes contribuem para dar efte refultado. A primeira e fem duvida a mais efficaz, é

a ſingular expanſão da raça arabe, que tem logar depois do VI ſeculo. Os ſectarios do Iſlam eſtendem-ſe como conquiſtadores ou commerciantes do extremo occidental da Europa aos mares da China. Deſenvolvem ao meſmo tempo o movimento ſcientifico, encetado na Perſia pelos neſtorianos, e fundam em Bagdad e em Cordova eſcolas celebradas. Quaſi todas as noções adquiridas pela Europa na primeira parte da edade média, ſobre a geographia e as producções do Oriente, lhe ſão tranſmittidas pelos arabes.

A ſegunda corrente vem um pouco mais tarde, e exerce menor influencia no deſenvolvimento da ſciencia. Reſiro-me á penetração dos miſſionarios catholicos no Oriente, que tem logar ſobretudo durante a dominação dos tartaros, e á ſombra da ſingular tolerancia religioſa de potentados ſemi-barbaros. Muitos frades, principalmente minoritas, percorrem então a Aſia central e meridional, dando nas ſuas narrativas rudes, mas em geral perfeitamente veridicas, curioſas noticias d'aquellas mal conhecidas terras.

Ao examinarmos hoje os precioſos documentos que nos legou a edade média, nos eſcriptos dos arabes, nos dos miſſionarios, e nos de alguns celebres viajantes italianos, ſeriamos levados naturalmente a exagerar a importancia das informações que, ſobre o Oriente, poſſuia então a Europa. Mas a verdade é que nós temos hoje mais completá noticia d'aquelles documentos, do que nunca tiveram os contemporaneos. Tem-ſe notado, com razão, que nos periodos anteriores á invenção da imprenſa, a ſciencia eſtava em um eſtado de ſingular fluctuação. Nos noſſos dias as noções uma vez adquiridas, encorporadas em obras de larga publicidade, ficam definitivamente fixadas. Então a publicidade era limitada, os manuſcriptos eram raros, perdiam-ſe nos archivos, d'onde ſe exhumavam paſſados annos, ou paſſados ſeculos,

quando não haviam ſido irremediavelmente deſtruidos. D'aqui reſultavam periodos de immobilidade, e por vezes de verdadeiro retroceſſo. Os eſcriptores manifeſtavam frequentemente uma ſingular ignorancia das obras dos ſeus contemporaneos ou predeceſſores. Eſta fluctuação, e eſta ignorancia, deram-ſe de modo notavel, durante a edade média.

Entre os livros arabes, alguns como o *Canon* de Ibn Sina—o celebre Avicenna—ou as obras de Serapio, tranſladados para latim, foram muito eſtudados na Europa, e conſiderados como os oraculos das eſcolas; porém outros, como as *Relações da India e da China,* os curioſos *Prados de oiro,* as inſtructivas viagens de Ibn Batuta, e muitos mais, ſó foram vertidos dos codices arabes pelos orientaliſtas modernos, e por tanto permaneceram ignorados ou mal conhecidos nos tempos a que nos referimos.

O meſmo ſuccedeu, e ainda de modo mais pronunciado, com os eſcriptos dos frades. Quando hoje lemos os livros em que notaveis homens de ſciencia—á teſta dos quaes é juſto collocar o doutiſſimo coronel H. Yule—reuniram, explanaram e criticaram os *Mirabilia* de Jordanus, o *Chronicon Boëmorum* de Marignolli, a *Deſcriptio* de fr. Odorico ou outras obras antes diſpersas, temos uma illuſão ſingular. A ſciencia do commentador como que ſe funde, com as noções imperfeitas dos ſingelos frades. Eſſas narrativas incorrectas e confuſas reunidas em corpo de doutrina, completando-ſe mutuamente, e illuminadas á luz de notas eruditiſſimas tomam uma importancia que de feito não tiveram. Quando porém andavam pelas mãos de leitores ignorantes, ſe não jaziam ignoradas em archivos de conventos, pouco podiam influir para adiantar os conhecimentos humanos.

É certo que as obras dos arabes, dos miſſionarios e dos viajantes—entre os quaes brilha na primeira plana,

Marco Polo—influiram na redacção de alguns tratados geraes, e no trabalho dos cartographos, porém menos directamente do que feria licito fuppor. Não amefquinhando eftes documentos, fem duvida de grande importancia, devemos todavia notar que davam fobre o Oriente umas noticias, incompletas, nebulofas e fragmentarias.

É n'efte periodo que interveem as viagens portuguezas, e a redacção dos livros portuguezes. Aos clarões fuccede a luz. Os *roteiros,* as *lendas* ficam infelizmente ineditos, mas publicam-fe os livros de Barbofa, de Barros, de Orta, de Couto e de outros. A celebre compilação de Ramufio, compõe-fe pela maior parte de verfões do portuguez. Um dos mais notaveis livros fcientificos da época, o *Exoticorum libri decem* de Clufio, é egualmente formado em parte de materiaes portuguezes; do livro de Orta, do de Cofta, a que fe junta a notavel obra do hefpanhol Monardes. As viagens portuguezas influem na fciencia, não fó pela grande copia de obfervações novas que permittem fazer, como pela confirmação ou rectificação das que fe haviam já feito, e pela ligação das que andavam difperfas. É um trabalho de generalifação e de publicidade. Para lhe dar efta feição concorrem a invenção da imprenfa, e os caracteres da lingua portugueza, culta e energica, que então attinge um grau elevado de perfeição.

Perfeição patenteiada na profa limpida e fluente de João de Barros, e affirmada nas maravilhofas eftancias de Luiz de Camões.

FIM

INDICE

DAS PLANTAS CITADAS, E ÁS QUAES ALLUDE CAMÕES
DIRECTA OU INDIRECTAMENTE

	CANT.	EST.	PAG.
Adonis autumnalis L.	IX,	60	42
Algae (ſp. ?)	V,	79	53
Aloë Socotrina Lam	X,	137	89
Antiaris toxicaria Leſch.	X,	44	55
Aquilaria Agallocha Roxb.	X,	129	70
Balſamodendron Myrrha Nees von Es	X,	135	84
Boraſſus Aethiopum Mart.	I,	46	51
Boſwellia ſp.	X,	101	60
Caeſalpinia ſp.	X,	140	91
Caryophyllus aromaticus L.	X,	132	73
Ceraſus avium L.	IX,	58	40
Cinnamomum Zeylanicum Breyne	X,	51	56
Citrus Aurantium L.	IX,	56	40
Citrus Limonum Riſſo	IX,	56	40
Citrus medica Galleſſio	IX,	56	40
Cupreſſus ſempervirens L.	IX,	57	42
Driobalanops aromatica Gäertner	X,	133	78
Gladiolus ſegetum Gawl.	IX,	62	43
Gnaphalium ſanguineum L.	III,	97	24
Goſſypium herbaceum L.	V,	76	53
Hedera Helix L.	II,	36	26
Indigofera tinctoria L.	V,	76	53
Iris ſubbiflora Brotero	II,	37	26, 42
Jaſminum fruticans L.	X,	1	43

	CANT.	EST.	PAG.
Laurus nobilis L.	IX,	57	24, 41
Lilium candidum, L.	IX,	62	42
Lodoicea ſeychellarum Labill.	X,	136	86
Morus nigra L.	IX,	58	41
Matthiola incana R. Br.	IX,	61	42
Myriſtica fragrans Houttuyn.	X,	133	76
Myrtus communis L.	IX,	57	41
Narciſſus Tazetta L.	IX,	60	42
Olea européa L.	VI,	13	27
Origanum Majorana L.	IX,	62	43
Perſica vulgaris Mill.	IX,	58	41
Phoenix dactylifera L.	X,	42	23
Pinus Pinea L.	IX,	57	42
Piper Betle L.	VII,	58	69
Piper nigrum, L.	IX,	14	66
Piper officinarum C. DC.	X,	123	66
Populus alba L.	IX,	57	26, 41
Punica Granatum L.	IX,	59	41
Pyrus communis L.	IX,	59	41
Quercus robur L.	X,	34	25
Roſa centifolia L.	II,	41	25
Santalum album L.	X,	134	80
Strophanthus Peterſianus Klotzſch.	I,	86	54
Strychnos Tieuté Leſch.	X,	44	55
Styrax Benzoin Dryander.	X,	135	82
Triticum vulgare Vill.	IX,	27	26, 29
Ulmus campeſtris L.	IX,	59	41
Vitis vinifera L.	IX,	59	29, 41

ERRATAS MAIS IMPORTANTES

Pag. 14,	linha	30—	onde	se lê—	fonte	—leia-se—	fronte
» 55,	»	13—	»	—Antiarias	—	»	—Antiaris
» 59,	»	26—	»	—560	—	»	—56, v.
» 59,	»	29—	»	—insenso	—	»	—incenso